



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila

O Terraço da Comunidade

Jessica de Sousa Duarte

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura

(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Humberto Canastra Marum

Covilhã, Junho de 2019

Em memória do meu avô.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Professor Doutor Jorge Humberto Canastra Marum, pela sua orientação e disponibilidade que dedicou a este trabalho.

Ao meu irmão, pelo incentivo e apoio neste longo processo e pelo amor incondicional, que foram uma força de vontade e inspiração.

Ao André, pelo companheirismo e pelos longos ensinamentos sobre o que poderei chamar, futuramente, a minha vida, a Arquitectura.

Aos meus pais, pela dedicação e por todo o apoio em todas as etapas da minha vida.

Às minhas avós, que acompanharam e apoiaram esta etapa.

Aos meus amigos, que de longe ou de perto, tiveram influência nesta conquista.

Um especial agradecimento à Vanessa, ao Gonçalo, ao Leonardo, à Catarina, à Rita, à Ana João, à Mariana e à Sara pela amizade e toda a ajuda neste processo.

A todos um especial obrigado.

“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.”

Antoine Laurent Lavoisier

Resumo

Com o olhar direccionado para uma estratégia de revitalização da freguesia de Marvila, da cidade de Lisboa, a presente investigação pretende estudar o tema *Racionalidade Construtiva*, do Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium BCP, do programa da 5ª edição da Trienal de Arquitectura de Lisboa.

Através de uma base teórica relacionada com o programa do concurso, pretende-se que a proposta procure criar forma à beleza natural, com a projecção de uma solução racional, ajustada à topografia do sítio, de modo a cerzir a malha urbana. Devido à descaracterização do local a intervir que surgiu do seu passado industrial e consequente desindustrialização, idealiza-se a diversificação do espaço público, de modo a transformar o sítio, um vazio urbano esquecido e ao abandono, num lugar, num espaço “habitável” e vivenciado por todos. Convidando a contemplar a paisagem, ancorado às ruínas de um antigo palácio na cota mais alta do terreno, surge o Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila que, assumindo uma abordagem de transformação do território, estabelece um programa sociocultural, abrangendo várias escalas e relações com o sítio e as pré-existências. O objecto arquitectónico de imagem aparentemente fechada, procura estabelecer contemporaneidade, respeitando a identidade do passado oriental, que marcou esta zona da cidade, o qual é refutado na relação exterior/ interior, com uma atmosfera distinta fundamentada através do vazio e da materialidade da construção.

A proposta compreende diversas apropriações dos espaços, criando um metadiscorso na narrativa da intervenção, dirigindo-se aos seus futuros utilizadores, de modo convidativo a habitar o espaço público urbano contemporâneo.

Palavras-chave

Revitalização Urbana, Memória do Lugar, Comunidade, Racionalidade Construtiva, Marvila.

A presente dissertação não se encontra redigida sob o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Abstract

Looking towards a strategy of revitalization of the parish of Marvila, in the city of Lisbon, the present investigation intends to study the theme Constructive Rationality, of the Lisbon Triennale Millennium BCP Universities Award Competition, of the 5th edition of the Lisbon Architecture Triennale program. Through a theoretical basis, which is related to the program of the contest, the proposal is intended to create a natural beauty shape, with the projection of a rational solution, adjusted to the topography of the site, in order to darn the urban network. Due to the de-characterization of the place to intervene, that emerged from its industrial past and consequent de-industrialization, the diversification of the public space is idealized, in order to transform the site, a forgotten and abandoned urban void, into a place, a "habitable" space and experienced by all. Inviting to contemplate the landscape, anchored to the ruins of an old palace at the highest point of the terrain, the Communitarian and Interpretive Center of Marvila appears, which, taking an approach of transformation of the territory, establishes a sociocultural program, covering various scales and relations with the site and pre-existences. The architectural object of an apparently closed image seeks to establish contemporaneity, respecting the identity of the eastern past, which marked this area of the city, and is refuted in the exterior / interior relation, with a distinctive atmosphere based on the emptiness and the construction materiality. The proposal includes several appropriations of spaces, creating a metadiscourse in the narrative of the intervention, addressing its future users, in an inviting way to inhabit contemporary urban public space.

Keywords

Urban Revitalization, Memory of the Place, Community, Constructive Rationality, Marvila.

Índice

1. Introdução	21
1.1. Tema	21
1.2. Justificação do tema	21
1.3. Objectivos.....	22
1.4. Metodologia e Estrutura	22
2. Enquadramento Histórico e Geográfico.....	24
2.1. Bairro Chinês	27
2.2. Palácio da Quinta dos Alfinetes	28
2.2.1. Fundação Luso-Brasileira de Oscar Niemeyer.....	29
3. Terraço da Comunidade. Uma hipótese de beleza natural contemporânea	30
3.1. Interpretação e Contextualização do Território	30
3.2. <i>Racionalidade Construtiva</i>	32
3.2.1. (Re)Construção da Memória	33
3.2.2. Dinâmicas Sociais	36
3.2.3. Estrutura Física e Urbanística	38
3.2.4. Programa Escalas	40
3.2.5. Materialidade	42
Considerações Finais	49
Referências Bibliográficas.....	51
Anexo I. Levantamento fotográfico.....	55
Anexo II. Esquissos	57
Anexo III. Maquetas.....	64
Anexo IV. Imagens virtuais	66
Anexo V. Peças desenhadas	69

Lista de Figuras

2.1. Enquadramento da freguesia de Marvila na Área Metropolitana de Lisboa (AML).	24
2.2. Vazios urbanos na cidade de Lisboa e, maioritariamente na freguesia de Marvila.	26
2.3. Bairro Chinês: a. e b. bairro chinês nos anos 50; c. bairro chinês nos anos 70.	27
2.4. Ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes: a. vista do lado noroeste do terreno da proposta; c. entrada do antigo palácio.	28
2.5. Esquisso de Oscar Niemeyer da proposta da Fundação Luso-Brasileira no terreno da intervenção desta dissertação.	29
3.1. Ortofotomapa com a área de intervenção referenciada.	30
3.2. Planta de enquadramento do PPQMAA.	31
3.3. Relação actual das ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes com o terreno da intervenção.	35
3.4. Esquissos de estudo da passagem temporal entre as ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes e a intervenção.	35
3.5. Esquissos de estudos de altimetrias da plataforma que estabelece um diálogo com as ruínas do antigo palácio.	40
3.6. Diagrama de organização do espaço do Centro consoante o grau de privacidade.	41
3.7. Composição com vermelho, amarelo, preto, cinza e azul de Piet Mondrian (a.) e relação visual que estabelece com a proposta (b.).	43
3.8. Esquisso do conjunto da proposta.	43
3.9. Isometria dos três momentos de espaço público.	44
3.10. Relações altimétricas da proposta.	45
3.11. Isometria do remate do programa.	46
3.12. Maqueta de estudo.	47
0.1. Vista a sul do terreno da proposta.	55
0.2. Vista da cota das ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes.	55
0.3. Vista a norte do terreno.	56
0.4. Vista do terreno para a paisagem, Mar da Palha.	56
0.1. Estudos iniciais da forma do edifício do Centro.	57
0.2. Estudos iniciais da organização espacial do Centro.	58

0.3. Primeiro estudo do prolongamento da proposta.	59
0.4. Estudos das diferentes perspectivas de enquadramento nos espaços exteriores.	59
0.5. Diversos estudos da composição dos vazios organizadores do espaço.	60
0.6. Estudo da relação dos vazios com os alçados.	61
0.7. Estudos dos vazios geradores do espaço.	61
0.8. Relação do auditório/ livraria e uma das possíveis organizações espaciais do auditório, de onde se evoluiu.	62
0.9. Vista da praça coberta pelo Centro.	62
0.10. Mobiliário urbano com diversas apropriações: muro de contenção de terras, banco, guarda-corpos e abrigo à iluminação.	63
0.1. Primeira maqueta do conjunto da proposta.	64
0.2. Maqueta final da proposta.	64
0.3. Maqueta final da proposta.	65
0.1. Vista a sudoeste da proposta.	66
0.2. Vista das ruínas do palácio.	66
0.3. Organização espacial da proposta e relação com a envolvente.	67
0.4. Estudo da relação do conjunto da proposta.	67
0.5. Eixo de ligação do programa.	68

Lista de Tabelas

Tabela I. Análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats) da área de intervenção.	38
Tabela II. Índice de peças desenhadas da Proposta.	70
Tabela III. Quadro de áreas da proposta.	71

Lista de Acrónimos

ANAFRE	Associação Nacional de Freguesias
AML	Área Metropolitana de Lisboa
PGUEL	Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa
VALIS	Valorização de Lisboa
PUVC	Plano de urbanização do Vale de Chelas
PUZRO	Plano de urbanização da Zona Ribeirinha Oriental
PPQMAA	Plano de Pormenor da Quinta Marquês de Abrantes e Alfinetes
ROCK	Regeneration and Optimization of Cultural heritage in creative and Knowledge cities
SWOT	Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats

1. Introdução

1.1. Tema

A génese desta dissertação centra-se no - *Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila/ O Terraço da Comunidade* - que segue a temática *Racionalidade Construtiva*, proposta pelo programa do Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium BCP, da 5ª edição da Trienal de Arquitectura de Lisboa. A materialização da *Racionalidade Construtiva* através de um exemplo prático, leva o imaginário a reflectir sobre a realidade e a união de dois tempos, o passado e a actualidade. Mediante esta reflexão, a proposta, iniciada na unidade curricular de Projecto V, do Mestrado Integrado em Arquitectura, pretende ilustrar uma forma de beleza natural, através da integração da construção à actual realidade, ou seja, ajustada ao local de modo racional. Em apoio desta criação de beleza natural racionalizada, seguem a filtragem dos elementos que a rodeiam e as necessidades desta comunidade, às quais se ambiciona responder através de um ambiente diversificado, podendo a construção ser vivenciada por todos os cidadãos.

1.2. Justificação do tema

O vazio urbano a intervir, está localizado na zona oriental da cidade de Lisboa, na freguesia de Marvila. É uma zona caracterizada como “marginal”, pelo seu contexto socioeconómico, com um crescimento contrário às restantes partes da cidade. Estas fragmentações a nível social e do tecido urbano, conduzem o projecto numa estratégia de revitalização da freguesia de Marvila, com a projecção de espaços de lazer e convívio multifuncionais, numa perspectiva de responder às necessidades desta comunidade.

Este território apresenta uma característica particular, relativamente à pré-existência das ruínas do antigo palácio senhorial da Quinta dos Alfinetes do séc. XVIII, que requer especial atenção. Nesse sentido, a proposta visa criar uma forte intensidade do espaço público, através dos valores e das identidades que o caracterizam. Deste modo, pretende-se que a escala arquitectónica seja integrada, física e funcionalmente, no tecido urbano, influenciando positivamente as vivências da comunidade nos espaços.

Esta zona oriental, apesar de desvalorizada, tem um grande potencial. A sua localização central e relação directa com o rio Tejo convidam o projecto a um princípio ideológico da leitura mais atenta do território, percebendo que se poderia estabelecer um diálogo entre esta proximidade e o fortalecimento das relações dos moradores (*O Terraço da Comunidade*). Nesta relação entre paisagem e urbanidade, pretende-se desenvolver um “palco” multifuncional, onde se poderá reconstruir a memória do lugar.

1.3. Objectivos

Constituir uma nova centralidade, através da harmonia e união entre os vários ambientes urbanos, é a principal estratégia desta proposta de arquitectura. Pretende-se que a proposta arquitectónica faça uma relação entre o passado senhorial (ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes), presente nas proximidades do terreno, e a actual contemporaneidade. Esta passagem entre tempos históricos, desenvolve uma narrativa poética na componente espacial da proposta, organizando-a de modo a criar diferentes espaços públicos independentes e complementares entre si.

Neste âmbito, a intervenção, através de diferentes escalas e funções, sustenta a ideia de um Centro Comunitário e Interpretativo que qualifique e dinamize o espaço público, que actualmente se encontra descaracterizado¹. Deste modo, pretende-se que o Centro responda à escala da comunidade através de um espaço de vão livre designado para actividades socioculturais; à escala colectiva representada por espaços educativos, de convívio e lazer; e, ainda, à escala humana que carece de uma especial atenção. Posto isto, o desenvolvimento de um programa sociocultural, pretende promover a revitalização da estrutura urbana e social da freguesia.

A intenção de que a proposta seja idealizada de forma racional, de modo a responder ao tema do concurso, *Racionalidade Construtiva*, demonstra que todas as partes interdependentes e independentes do projecto contêm um fio condutor que as une. Mediante este programa, “oferecido” pela Trienal de Arquitectura de Lisboa, procurou-se, com o desenvolvimento do Centro e a união/relação entre espaço público e equipamento, desenvolver espaços distintos e complementares em simultâneo. Esta harmonia entre o particular e o todo, pretende dar acesso a uma arquitectura diversificada na sua componente de utilização, através do acesso a diversas actividades organizadas ou espontâneas que, desse modo, procuram promover novas vivências comunitárias na freguesia e convidar novos utilizadores da cidade.

1.4. Metodologia e Estrutura

A proposta do projecto de arquitectura e a escrita desta dissertação na lógica de uma memória descritiva e justificativa têm como objectivo responder às necessidades e aspirações desta comunidade nas instâncias referidas.

O processo de trabalho deste projecto está estruturado em dois momentos. Inicialmente, um de componente teórica, composta por dois capítulos, nomeadamente, o *Enquadramento Histórico e Geográfico*, que é subdividido em subcapítulos: *Bairro Chinês*, *Palácio da Quinta dos Alfinetes* e *Fundação Luso-brasileira de Oscar Niemeyer*. Neste primeiro capítulo e com o

¹Actualmente, a zona oriental de Lisboa apresenta um desequilíbrio na sua estrutura, representada pelos repletos vazios urbanos resultantes da desindustrialização e os bairros habitacionais desqualificados. Foi a zona onde se depositaram os “lixos urbanos” retirados de Belém (Ochoa, 2005), como indústrias poluentes, nomeadamente a fábrica de gás, depósitos de gasolina, entre outras.

auxílio das várias visitas efectuadas ao local, pretende-se fazer uma contextualização histórica e geográfica onde a proposta se insere, de modo a promover a leitura atenta do território.

O segundo capítulo, *O Terraço da Comunidade. Uma hipótese de beleza natural contemporânea*, completa o primeiro momento deste estudo. Desenvolve a componente conceptual da proposta e a sua relação com a memória do lugar, criando uma poética entre o seu passado e a actualidade.

O segundo momento, corresponde à componente prática desta dissertação, onde se desenvolve o processo criativo, estruturado de modo a fundamentar a proposta arquitectónica. Tem como base o estudo do vazio urbano onde se insere a proposta através de elementos fotográficos, gráficos e escritos sobre as características do sítio que pretende ganhar uma nova identidade.

Tendo em conta o contexto urbano, reflecte-se a necessidade de explorar a ligação do lugar com a comunidade, centrando o projecto numa reflexão sobre o centro comunitário e interpretativo como melhoria das vivências comunitárias dos residentes de Marvila.

2. Enquadramento Histórico e Geográfico

O Centro Comunitário e Interpretativo está implantado em Marvila², freguesia da zona oriental de Lisboa, criada em 1959, na periferia, enaltecendo o olhar sobre o Mar da Palha³. Esta freguesia contém vestígios dos tempos pré-históricos⁴, nomeadamente da era dos romanos e dos visigodos do séc. III.



0.1. Enquadramento da freguesia de Marvila na Área Metropolitana de Lisboa (AML).

Fonte: Google Maps. Adaptação gráfica pela autora. Disponível em: <https://www.google.com/maps>, consultado a 25 de Março de 2019.

Em 1149, no seguimento da conquista da metrópole aos Mouros, D. Afonso Henriques doou as terras de Marvila à Mitra de Lisboa que, conseqüentemente, em 1150, foram divididas pelo Bispo de Lisboa, D. Gilberto.

O poder das ordens monásticas e militares era notório naquela época, tendo em conta que os bens de Marvila, como terrenos para uso de cultivo e entretenimento, eram de seu usufruto. Estas parcelas de terrenos agrícolas, entre o séc. XV e XVI, deram origem ao primeiro foco de desenvolvimento, com a implementação de uma rede qualificada de quintas e edifícios religiosos, que constituíam a cidade de Lisboa.

² O nome “Marvila” surge através da aproximação com o “mar” que banha a freguesia, o Mar da Palha, designando-a como a “Vila do Mar”. (JFM, 2016)

³ É a grande bacia no estuário do rio Tejo, que vai desde Vila Franca de Xira, perto de Alverca do Ribatejo, até ao estreitamento do Terreiro do Paço e Cacilhas. A origem do seu nome está relacionada com os resíduos vegetais arrastados ao longo do rio, desde das lezírias ribatejanas.

⁴ “A comprová-lo está a descoberta de uma placa de xisto ornamentada, com cerca de 5000 anos, encontrada na quinta da Farinheira. Do período romano, encontram-se algumas lápides, bem como um friso de sarcófago, datado do século III. Em Poço de Cortes apareceu uma necrópole lusitano-romana, onde foram recolhidas uma lápide, três aras votivas e outros materiais da época. Também a presença visigoda deixou as suas marcas, especialmente na zona do Vale de Chelas, nomeadamente no convento, onde foram encontrados motivos hispano-godos, que terão pertencido a pilares ou frisos de um templo.” (JFM, 2016)

Ao longo dos séculos, estas propriedades foram sofrendo alterações, através da supressão das ordens religiosas⁵ e da integração da linha de caminho-de-ferro, dando nova vida a Marvila.

Passando, pelo abandono por parte destas ordens, durante o período do terramoto de 1755, estas parcelas de terreno são adquiridas mais tarde pela aristocracia, que começou a definir os primeiros vestígios da estrutura urbana de Marvila, com as suas estreitas azinhagas⁶, e os de mais espaços verdes e conjuntos habitacionais que cresciam por toda a sua extensão e, faziam ligação com o centro da cidade, seguindo a ideia de desenvolvimento das periferias de Augusto da Silva (1968):

Os territórios destas freguesias periféricas alastravam-se até campos e terras de lavoura, pelo meio das quais serpenteavam as estradas ou as azinhagas que conduziam à Cidade, e à medida que estas se iam caseando, passavam a ser incorporadas na freguesia confinante, que assim aumentava o seu território e a sua população, e também o mesmo acontecia aos da cidade. (p. 64)

No entanto, no início da segunda metade do séc. XVIII, chega a era da industrialização e, por consequência, um novo desenvolvimento na urbanização de Marvila. O uso do solo sofre alterações, fixando-se as primeiras fábricas que transformam lentamente a frente ribeirinha da zona oriental de Lisboa, desde Xabregas até Braço de Prata, alastrando-se pelo Vale de Chelas. Também, em 1852, uma linha de circunvalação, fez com que o território sofresse um aumento, levando a indústria a instalar-se nos espaços rurais e nos antigos edifícios conventuais, atingindo a faixa ribeirinha (Ochoa, 2005).

Alguns dos vestígios desta revolução sobrevivem até aos dias de hoje, e são exemplos disso a Fábrica de Pólvora de Chelas, actualmente o Arquivo Geral do Exército, a Fábrica Seixas no antigo Palácio da Mitra, que alberga a Associação Nacional de Freguesias (ANAFRE) e a Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata, transformada num centro cultural privado. Existem ainda, os armazéns de vinho da Abel Pereira da Fonseca e a firma de José Domingos Barreiros no Poço do Bispo, dois edifícios Art Deco que se encontram em perfeito estado de conservação e que representam a arquitectura industrial daquela época.

Com o abandono dos campos agrícolas, a fixação da indústria e a criação de novos eixos viários, o território oriental começa a atrair população, especialmente do Norte do país, na procura de novos postos de trabalho, na esperança de conseguirem melhor qualidade de vida. Até ao séc. XIX, esta migração faz com que haja um aumento do número de habitações operárias, começando uma nova reestruturação da malha urbana desta zona.

No entanto, (...), a indústria eclode, apoderando-se dessa rede e manipulando-a segundo as suas necessidades. (...) Apoderando-se destes antigos núcleos, a indústria tende a quebrá-los. Isto não impede a extensão do fenómeno urbano, cidades e aglomerados, bairros operários, subúrbios (e

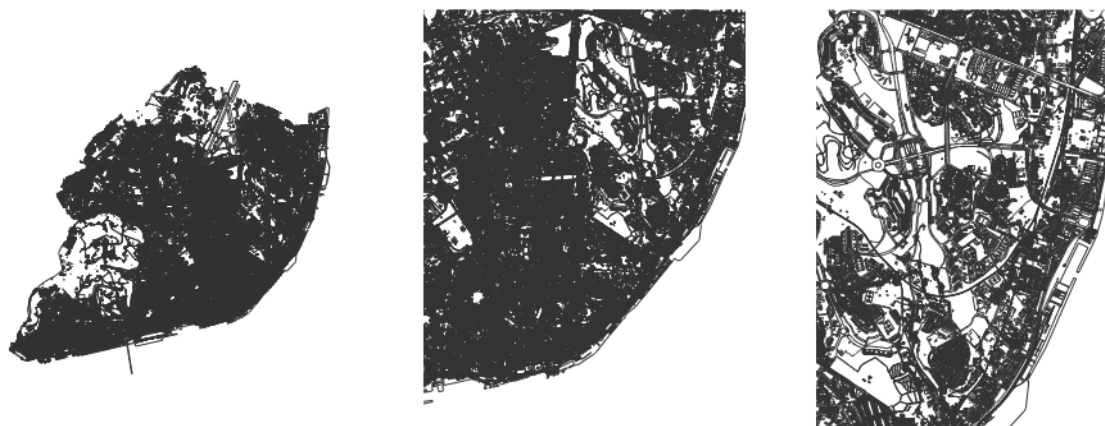
⁵ “Depois da abolição do regime absoluto, o decreto de 5 de Agosto de 1833 estabeleceu, em princípio, supressão de todas as Ordens Monásticas, tanto de Religiosos como de Religiosas, e em virtude do mesmo começou-se a dar por extintos e profanos os conventos e frades, mediante sentença da Junta do Melhoramento Temporal das Ordens Religiosas.” (Silva, 1985).

⁶ As azinhagas, ainda hoje presentes na estrutura urbana da cidade, indicam a antiga rede viária daquela época, fazendo parte do conjunto patrimonial do passado senhorial (Ochoa, 2005).

surgem os bairros de lata nos locais onde a industrialização não realiza a completa ocupação e fixação da mão-de-obra disponível) (Lefebvre, 2012, p. 22).

O estereótipo das quintas também sofre alterações, havendo um processo de loteamento das mesmas, que cria habitações de génese ilegal, descaracterizando-as. São criados os famosos bairros de lata que enfatizam o estado crítico das condições de vida deste território industrial, tornando-o isolado, de um modo progressivo, das restantes zonas da cidade.

De seguida, a época da desindustrialização, é a fase que vem prejudicar a zona oriental, transformando as grandes áreas, antes industrializadas, em vazios urbanos (fig. 2.2). As quintas e conventos são abandonados, os espaços industriais e portuários ficam sem utilização, as infraestruturas de transporte desactivadas, ou seja, existe “uma desocupação que se sucede ao longo da história e subsiste até hoje. Originando uma rotatividade na ocupação das estruturas, com vista ao abrigo de novas funções” (Ochoa, 2005).



0.2. Vazios urbanos na cidade de Lisboa e, maioritariamente na freguesia de Marvila.

Fonte: Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium BCP, (2018/ 2019). Adaptação gráfica pela autora. Disponível em: https://www.trienaldelisboa.com/open-calls-pt/d/opencalls_t2019-universidades, consultado a 10 de Outubro de 2018.

2.1. Bairro Chinês

Com a reutilização dos espaços, na atribuição de novas funções, na ocupação industrial, relacionada com o porto e com as infraestruturas rodó e ferroviárias, fez com que a zona oriental de Lisboa fosse ganhando identidade, tornando-se marcante até aos dias de hoje.

Após a revolução liberal, no início do séc. XIX, as quintas que definiam o território, foram convertidas em unidades fabris⁷, como é o caso do palácio da Quinta dos Alfinetes que se tornou numa fábrica de trefilaria. Este passado industrial foi fulgurante para a sua desintegração da cidade.

Nos finais do séc. XIX e início do séc. XX, estabeleceu-se uma nova configuração social com a falta de recursos para responder a tantas pessoas que migravam para esta zona da cidade⁸. No seguimento de condições precárias, surge um processo obsoleto de ocupação do tecido rural da cidade, criando os afamados bairros de lata⁹ da zona oriental de Lisboa. Entre estes, destaca-se o Bairro Chinês, o maior bairro de “barracas” deste território, localizado onde hoje estão inseridos os bairros Marquês de Abrantes, Alfinetes e Salgadas e Quinta do Chale (JFM, 2006).

A ligação deste processo, de uma nova reestruturação urbana oriental com o conceito de marginalização social foi crescendo, devido à pobreza ali instalada que causava desigualdades sociais e, por conseguinte, o isolamento, em relação à cidade, desta comunidade. No entanto, no Bairro Chinês, a população era activa socialmente e integrada no mercado de trabalho. Era um bairro de origem operária e rural, onde havia o espírito de boa vizinhança e de união, em que as vivências comunitárias proporcionavam uma certa qualidade de vida. Mas a necessidade de reorganização com a extinção dos bairros de barracas e o realojamento da comunidade em habitações de cariz social, vieram criar um certo afastamento no espírito comunitário que esta população apresentava.



0.3. Bairro Chinês: a. e b. bairro chinês nos anos 50; c. bairro chinês nos anos 70.

Fonte: JFM, (2016).

Disponível em: <http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/historia/marvila-e-a-nossa-historia-2/bairro-chines>, acessado a 18 de Novembro de 2018.

⁷ São exemplos as Quintas do Cosme, do Prestes, do Troca, do Desterro, do Quintim, das Amendoeiras, do Casal Ribeiro, do Lopes, do Magalhães, da Valada e da Viúva Pimentel (JFM, 2006).

⁸ Procuravam melhorar a sua qualidade de vida, em busca de trabalho nas unidades fabris, onde muitos trabalhavam na Fábrica Nacional de Sabões, na Fábrica de Borracha, na Fábrica dos Fósforos e nos armazéns de vinho de Abel da Fonseca (JFM, 2006).

⁹ Marvila é constituída por 10 bairros: Bairro dos Alfinetes e Salgadas, Bairro do Condado, Bairro dos Lóios, Bairros das Amendoeiras, Bairro da Flamenga, Bairro do Armador, Bairro Marquês de Abrantes, Bairro da PRODAC Norte e PRODAC Sul, ou Vale Fundão, Bairro do Vale Formoso e Poço do Bispo (zona de Marvila Velha) (JFM, 2006).

2.2. Palácio da Quinta dos Alfinetes

As ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes encontram-se na proximidade do terreno da proposta do Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila, podendo estabelecer uma perfeita relação visual (fig. 2.4).

O antigo palácio foi construído na primeira metade do século XVIII e pertenceu ao Duque de Lafões. Sofreu várias alterações ao longo dos tempos, que descaracterizaram a estrutura do palácio.

No séc. XIX, na época da revolução industrial, como muitos outros edifícios, foi convertido numa fábrica, a Fábrica da Estrela. Daí surgiu uma indústria de trefilaria¹⁰ que deu nome à Quinta dos Alfinetes.

No decorrer destas apropriações, entre 1910 e 1935, o palácio passa a funcionar como escritórios das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, que posteriormente, é vendido à Caixa Geral de Depósitos, ao qual se segue o seu abandono.

Em 1964, dá-se um violento incêndio que descaracteriza drasticamente a estrutura do palácio, levando-o à ruína.



0.4. Ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes: a. vista do lado noroeste do terreno da proposta; c. entrada do antigo palácio.

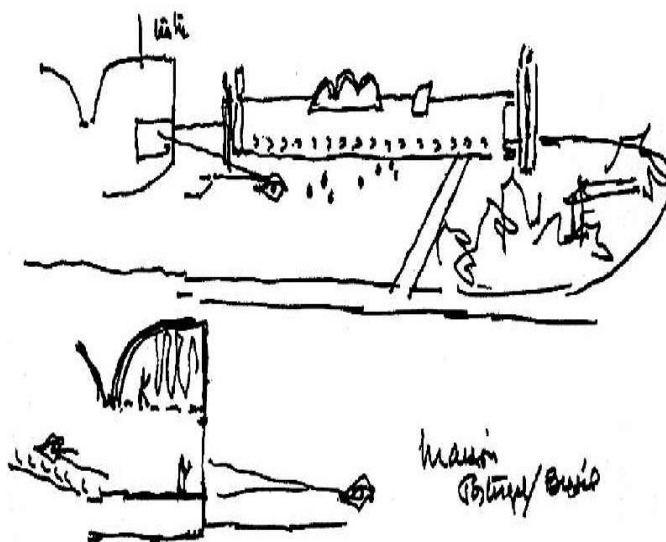
Fonte: Autora, Novembro de 2018.

¹⁰ Fábrica de transformar metal em fios por estiramento.

2.2.1. Fundação Luso-Brasileira de Oscar Niemeyer

O terreno da proposta, localizado a sudoeste das ruínas do antigo palácio, tinha um outro destino. Na década de 1990, Oscar Niemeyer projectou, o que seria a nova sede da Fundação Luso-Brasileira, de modo “vedar” o terreno, com uma abordagem ligada à cultura e ao comércio, através de um anfiteatro, espaços de exposições, biblioteca e uma zona comercial, como está representado na figura 2.5. Mas a obra parou, em 1999, e o terreno foi devolvido à Câmara Municipal de Lisboa, em 2004 (Soares, M., Nóbrega, T. & Henriques, A., 2012). Desta proposta, que poderia ter sido um novo abrigo às actividades desta comunidade, restaram apenas as fundações do primeiro piso e algumas colunas de ferro, ainda hoje presentes no local.

Durante estes tempos, o terreno era usado para o depósito de entulhos clandestinos, o que reforçou a imagem descuidada desta zona oriental.



0.5. Esquisso de Oscar Niemeyer da proposta da Fundação Luso-Brasileira no terreno da intervenção desta dissertação.

Fonte:

<http://www.oscarniemeyer.com.br/?q=gm5/ajax/detalhe-obra/3906>, consultado a 5 de Junho de 2019.

3. O Terraço da Comunidade. Uma hipótese de beleza natural contemporânea

3.1. Interpretação e Contextualização do Território

O local a intervir localiza-se na zona centro da freguesia de Marvila (fig. 3.1), Zona Oriental do concelho de Lisboa, à qual está associada a um clima decadente a nível urbano e arquitectónico¹¹. No entanto, apesar das suas condições precárias, esta “parte esquecida da cidade” (Ochoa, 2007, p.33), tem sido alvo de intervenções de qualificação da frente ribeirinha e da sua vertente interior. Exemplos disso, foram as propostas de Francisco de Holanda¹² a D. Sebastião, no séc. XVI, a aplicação do Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa (PGUEL) de De Gröer¹³ (1948), e consequentemente, a construção do Parque das Nações¹⁴ (1998). Com o passar dos anos, foram surgindo outras propostas¹⁵ na tentativa de contrariar a segregação deste sector oriental, mas a presença dos passados industrial e senhorial são incontornáveis e, ao mesmo tempo, desafiantes.



0.1. Ortofotomapa com a área de intervenção referenciada.

Fonte: Google Maps.

Disponível em: <https://www.google.com/maps>, consultado a 25 de Março de 2019. Adaptação gráfica pela autora.

¹¹ Devido à pré-existência de unidades fabris abandonadas, outras em ruínas e a bairros sociais desqualificados (de génese ilegal).

¹² Propôs uma série de obras em Marvila, nomeadamente a industrialização do Vale de Alcântara e do Vale de Chelas.

¹³ Com a especialização industrial da zona oriental de Lisboa, associada ao porto e caracterizando-a como cidade portuária, cria-se um desenvolvimento económico e social da cidade devido à ligação com o exterior, originando também trocas de conhecimento, inovação tecnológica e interculturalidade (Ochoa, 2005).

¹⁴ Antiga área industrial da parte oriental de Lisboa, contentorizada e repleta de lixos e detritos de construção. Com o intuito de receber a última Exposição Mundial do séc. XX, Expo'98, foi “totalmente revitalizada” (Sociedade, 2018), de modo a corrigir o cenário dos grandes vazios urbanos originados pela desindustrialização.

¹⁵ Como por exemplo, o VALIS - Estudo e Plano Estratégico de Preservação do Património Arquitectónico e Urbanístico de Lisboa (1990); o Plano de Urbanização do Vale de Chelas (PUVC) (2015), que foi revogado; e o Plano de Urbanização da Zona Ribeirinha Oriental (PUZRO) (2001) que, até hoje, não saiu do papel.

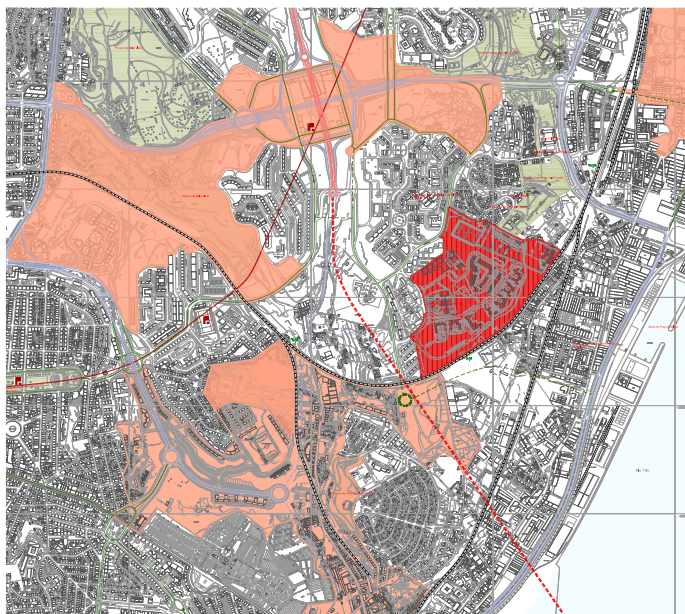
A área de intervenção está delimitada a nordeste pelas ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes (símbolo do passado senhorial). A proximidade com este símbolo do passado senhorial e com as torres habitacionais a noroeste, fruto do passado industrial, remetem para a cristalização de tempos que ainda se encontram presentes nos dias de hoje, tornando um factor determinante para a evolução da proposta.

Neste seguimento de leitura do território, não se pode esquecer os afamados bairros de lata (de génese ilegal) que foram surgindo ao longo do Vale de Chelas, devido à falta de condições originadas pela Revolução Industrial, que isolou esta comunidade, em relação à cidade.

Apesar da descontinuidade da malha urbana e dos vazios urbanos presentes, a intervenção procura desenvolver uma continuidade com o valor histórico do sítio, de modo a integrá-la de forma contínua na estrutura urbana.

Na ligação destes processos, é de salientar que o local faz parte do projecto ROCK (Regeneration and Optimization of Cultural heritage in creative and Knowledge cities), que procura a regeneração e reutilização da freguesia de Marvila, de modo a estabelecer uma ligação com o centro histórico da cidade. O ROCK promove soluções inovadoras e integradas que pretendam estabelecer experiências a nível cultural, social e económico, contribuindo para um património comum e partilhado, envolvendo os moradores da freguesia, os seus visitantes e turistas.

Para além disso, estava proposto um Plano de Pormenor da Quinta Marquês de Abrantes e Alfinetes (PPQMAA) (fig. 3.2), recentemente cancelado. O plano procurava assegurar uma continuidade da malha urbana da área de intervenção, através da organização espacial do meio urbano, sem desrespeitar os edifícios existentes.



0.2. Planta de enquadramento do PPQMAA.
Fonte: CML. (Indisponível)

Pretende-se que a proposta do Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila revalorize o bairro, de modo a que abra uma porta para uma nova reconfiguração urbana deste vazio (Marvila) da cidade.

3.2. Racionalidade Construtiva

No seguimento da contextualização histórica e geográfica e não abandonando o tema do concurso, *Racionalidade Construtiva*, a proposta pretende estabelecer a memória do passado oriental, de modo a garantir a sua identidade simbólica e emblemática.

Antes de iniciar a proposta de projecto, é necessário reflectir sobre o contexto poético e conceptual que a ideia alberga, para além das ideias funcionais e formais às quais o projecto pretende dar uma resposta racional e integrada. Já dizia Purini (2009):

“Compor é como jogar xadrez. É necessário pensar muito antes de fazer a jogada de abertura porque, se esta não for exacta, se não for a necessária ou, se quisermos, se não fizer parte de um restrito número de escolhas compatíveis com o programa predefinido, é preciso começar de novo. Pensar durante muito tempo serve para organizar os dados funcionais e as intenções formais em sínteses eficazes, em *ideias-força* dotadas da capacidade de informar de si todo o ciclo do projecto.” (p. 21)

Dada esta reflexão sobre o construir a ideia de projecto, pressupõe-se que o projecto de arquitectura é a sua representação (Marum, 2012), seja ela na forma de um registo gráfico, ou até mesmo através de um pensamento ideológico, que segundo Karl Marx, representa uma ideia escondida da realidade. Esta representação ambígua da realidade provoca uma duplicidade na representação do objecto arquitectónico, criando um valor conceptual de abstracção na concepção gráfica da proposta.

Numa lógica de projecto, a *Racionalidade Construtiva* insere-se na ligação de todas as partes do processo projectual, dando uma forma de beleza natural ao projecto arquitectónico. A categoria de beleza pretende representar uma construção única, como uma narrativa literária, “cheia de ecos emocionais e de ressonâncias simbólicas” (Purini, 2009, p. 58).

É nessa criação da beleza, afirma Oscar Niemeyer (2018, p.18), que o ser humano exerce uma preocupação. No projecto de arquitectura acontece o mesmo. Essa beleza natural deve ser assumida em toda a sua composição, representada através da realidade do tempo e do espaço, e à sua expressão arquitectural. É, portanto, uma ideia materializada, cuja composição pretende conduzir a um resultado, que poderá ser provido de uma abstracção, mas a finalidade será racional e inteligível¹⁶.

¹⁶ “As sensações limitam-se aos efeitos dos espaços, das formas, das texturas, da cor, e os efeitos do gosto são a relação entre o Racional e o Sentimento, em que a Razão corresponde à apreciação ou à avaliação do julgamento de VALOR.” (Consiglieri, 2007, p. 164)

3.2.1. (Re) Construção da Memória

O Homem tem uma forte capacidade de se adaptar à constante evolução do tecido urbano e da história da cidade, constituindo um desafio premente entre passado e presente, que ao longo do tempo desempenha um valor patrimonial e histórico (Cannatà & Fernandes, 1999).

The existential purpose of building (architecture) is therefore to make a site become a place, that is, to uncover the meanings potentially present in the given environment.¹⁷ (Schulz, 1980, p. 18)

A consciencialização de uma leitura do sítio¹⁸ é fundamental para a primeira abordagem no desenvolvimento desta proposta, de modo a que exista uma apreensão abrangente não só do seu passado, como também do seu presente. Na confluência destes dois tempos e seguindo o pensamento de Christian Norberg-Schulz (1926 - 2000), em que um lugar¹⁹ é fundamentalmente qualitativo devido às suas características passadas, constrói-se a identidade do lugar da intervenção do Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila.

A place is therefore a qualitative, "total" phenomenon, which we cannot reduce to any of its properties, such as spatial relationships, without losing its concrete nature out of sight.²⁰ (Schulz, 1980, p. 8)

Após salientar estas duas perspectivas de sítio e lugar, é conveniente sublinhar a distância que as afasta uma da outra. Diagnosticando este vazio urbano, onde será implantado o Centro, como “um anónimo à procura de uma identidade” (Araújo, 2016, p. 7), um sítio, que dadas as características locais, pretende ganhar uma identidade própria²¹, reflecte-se a necessidade de criar um carácter que denote uma atmosfera abrangente do local, podendo posteriormente ser caracterizado como um lugar²².

O sítio para ganhar o carácter de lugar, tal como no sentido literal da palavra, precisa de elementos físicos que o componham e o interliguem com a envolvente.²³

¹⁷ Tradução pela autora - “O propósito existencial da construção (arquitectura) é, portanto, fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, descobrir os significados potencialmente presentes no meio ambiente dado.”

¹⁸ Terreno descoberto, sem edificações e marcado por determinado acontecimento ou circunstância relevante (Dicionário, 2016).

¹⁹ Espaço ocupado por um corpo (Dicionário, 2016).

²⁰ Tradução pela autora - “Um lugar é portanto qualitativo, fenómeno “total”, que não podemos reduzir a nenhuma das suas propriedades, tais como relações espaciais, sem perder de vista a sua natureza concreta.”

²¹ “In general, nature forms an extended comprehensive totality, a “place”, which according to local circumstances has a particular identity.” (Schulz, 1980, p. 10) Tradução pela autora - “Em geral, a natureza forma uma totalidade abrangente estendida, um “lugar” que, de acordo com as circunstâncias locais, tem uma identidade particular.”

²² Whereas “spaces” denotes the three-dimensional organization of the elements which make up a place, “character” denotes the general “atmosphere” which is the most comprehensive property of any place. (Schulz, 1980, p. 11) Tradução pela autora - “Enquanto “espaços” denotam a organização tridimensional dos elementos que compõem um lugar, “caráter” denota a “atmosfera geral” que é a propriedade mais abrangente de qualquer lugar.”

²³ “Man dwells when he can orientate himself within and identify himself with an environment, or, in short, when he experiences the environment as meaningful. Dwelling therefore implies something more

Por meio deste processo surge o termo de *genius loci* mencionado por alguns autores, aos quais se destacam Schulz e Aldo Rossi, que reflectem sobre a ideia de lugar. *Genius loci* é o termo romano referente ao “espírito do lugar”, que relaciona o ambiente do lugar, a interação desse ambiente e a sua identidade e tradições. Isto é, dá vida e determina a essência do lugar, acompanhando-o desde o seu “nascimento” até à sua “morte”.

Seguindo a abordagem de Schulz, o conceito de espírito do lugar pretende dar alma ao vazio onde irá nascer a proposta do Centro, de modo a existir um diálogo entre lugar e identidade, através das suas características socioculturais e históricas.

Nesta continuidade, de uma avaliação do carácter do local e com a leitura da teoria de Pierre Nora²⁴ da “Les Lieux de Mémoire”, foram-se abrindo vias de acesso a uma realidade mais vasta e complexa, de modo a salvaguardar e preservar os testemunhos da identidade oriental. O conceito de *lugares de memória* de Nora, funciona como pórtico de um passado adormecido, que deambula na periferia da cidade de Lisboa e, que actualmente, é um território que quer redefinir uma nova centralidade na cidade.

Enquanto *lugar de memória*, persiste a acumulação de vários passados, como o industrial e o senhorial, reflectindo-se nos traços vivos do espaço público e de inúmeros edifícios fabris e antigas quintas de recreio, com valor histórico-cultural. Estas sobreposições de épocas, configuram uma paisagem urbana fragmentada e sem equilíbrio entre espaços públicos livres e construídos, necessitando de especial atenção a nível do desenho urbano.

Esta necessidade de começar no passado longínquo para prosseguir para o futuro significa que o primeiro objectivo dos meus projectos é o de tornar evidente a distância e o vazio que se formou, enquanto que a ambição dos meus projectos é a de tentar preencher o vazio, como se pertencessem já à cidade, como se já estivessem incluídos, mesmo antes de aparecerem, no horizonte eloquente da cidade como sempre foi. (Cannatà & Fernandes, 1999, p. 18)

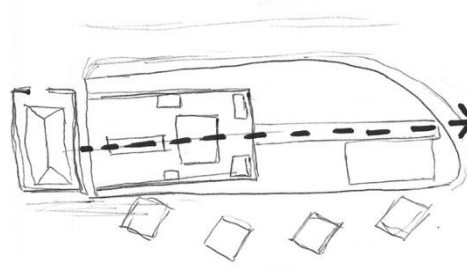
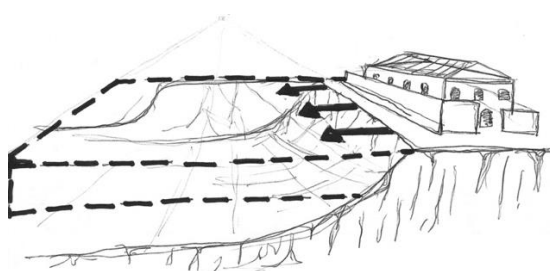
Mediante este olhar voltado para o passado e a filtragem dos elementos patrimoniais, como é o caso das ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes, será útil para a integração do programa no espaço público contemporâneo, assegurar a continuidade do tecido urbano como uma passagem temporal e poética do espaço.

than "shelter". It implies that the spaces where life occurs are places, in the true sense of the word." (Schulz, 1980, p. 5) Tradução pela autora - "O homem habita quando consegue se orientar e se identificar com um ambiente, ou, em suma, quando sente o ambiente como significativo. Habitar, portanto, implica algo mais do que "abrigo". Isso implica que os espaços onde a vida ocorre são lugares, no verdadeiro sentido da palavra."

²⁴ Referência entre os historiadores franceses contemporâneos, com trabalhos sobre a identidade francesa e a memória. Autor da obra “Les Lieux de Mémoire”, que classifica os lugares através do conceito histórico de *lugares de memória*, caso respondam a determinadas características, como os “mais resplandecentes símbolos, festas, emblemas, monumentos, comemorações, elogios, dicionários e museus.” (Nora, 1984, p. 7)



0.3. Relação actual das ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes com o terreno da intervenção.
Fonte: Autora, Outubro de 2018.



0.4. Esquissos de estudo da passagem temporal entre as ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes e a intervenção.
Fonte: Ana João, Outubro de 2018.

A poética do espaço é preservada através do próprio espaço que regista a lembrança num tempo permanente, ao contrário da memória que não regista as histórias concretas do passado, como Gaston Bachelard (1989) refere em *A Poética do Espaço*: “É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais.” (p. 29)

Desse modo, pretende-se que a memória não se torne esquecida, que perdure no espaço e que reaviva a freguesia de Marvila, “criando urbanidade em espaços que dela carecem” (Ochoa, 2007, p. 40), pelas referências de um passado perdido no tempo e no espaço.

3.2.2. Dinâmicas Sociais

No entanto, “a memória não se constrói apenas com lugares físicos, mas também com pessoas” (Ochoa, 2007, p.36). Portanto, é no domínio social, que o projecto se debruça enquanto gerador de novas temáticas, de modo a vincular estratégias de desenvolvimento sociocultural desta comunidade.

A “questão social” é uma aporia fundamental sobre a qual uma sociedade experimenta o enigma de sua coesão e tenta conjurar o risco de sua fratura. É um desafio que interroga, põe em questão a capacidade de uma sociedade (o que, em termos políticos, se chama uma nação) para existir como um conjunto ligado de interdependência (Castel, 2005, p. 30).

A Zona Oriental de Lisboa, sempre foi considerada um território ligado à marginalização²⁵, devido ao seu crescimento contrário à cidade e à sua fragmentação física e social originada pelo seu passado industrial e consequente desindustrialização, o que influenciou também a criar uma identidade própria.

Com o isolamento progressivo, em relação à cidade, esta imagem de área marginal foi crescendo ao longo dos tempos, marcando o local negativamente. Foram responsáveis por este processo de segregação, a procura de isolamento e qualidade ambiental dos conventos e das quintas, visto que esta zona era maioritariamente rural.

Entretanto, a passagem do meio rural para o industrial não foi promissora nesse sentido. Ainda que a industrialização desenvolveu inúmeros progressos, como a criação de novos postos de trabalho e o desenvolvimento exponencial a nível tecnológico e urbano, houve uma sucessão da queda desta época de expansão, que veio desenvolver problemáticas no âmbito físico e social. A época da desindustrialização. Nesta época, muitas das indústrias foram abandonadas e desmanteladas, criando vazios nesta área da cidade, não só a nível do tecido urbano, como no desenvolvimento desta sociedade. Testemunhos de uma sociedade segregada, foram os famosos bairros sociais de génese ilegal que surgiram neste sector da cidade, devido ao seu afastamento do centro. Consequentemente, a capacidade criativa desta sociedade foi diminuindo, contribuindo para um espírito urbano dissipado (Lefebvre, 2012, p. 30)²⁶ e, do mesmo modo, para o isolamento de Marvila em relação à cidade.

Ainda assim, o isolamento da comunidade de Marvila começou a obter reacções, reforçando os seus laços internos, de modo a reagir conjuntamente com várias associações e colectividades, que originaram um forte espírito associativo e uma vida social específica.

²⁵ A marginalização é o processo social que um indivíduo ou que um grupo sofre, tomando uma posição inferior na sociedade. Este processo surge maioritariamente acompanhado da exclusão social, causada pelas desigualdades sociais, como Robert Castel defende na sua tese *Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*.

²⁶ “Afastado da cidade, o proletariado acabará por perder o sentido da obra. Afastado dos lugares da produção, disponível, a partir de um sector do habitat, para iniciativas dispersas, o proletariado deixará diminuir na sua consciência a capacidade criativa. A consciência urbana vai então dissipar-se.” (Lefebvre, 2012, p. 30)

Os violentos contrastes entre riqueza e pobreza, os conflitos entre poderosos e oprimidos não impedem o apego à cidade, nem que se contribua activamente para a sua beleza enquanto obra.

No quadro urbano, as lutas de fracções, de grupos, de classes reforçam o sentimento de pertença. (Lefebvre, 2012, p.19)

Segundo Henri Lefebvre, o espaço urbano está intrinsecamente ligado com estas intervenções sociais e a política da história dos lugares. Outros autores, como Robert E. Park, Ernest W. Burgess e Roderick D. McKenzie, nas suas investigações relacionadas com o comportamento humano no meio urbano, reflectem que a cidade é composta pela vida social dos seus habitantes, carregada de sentimentos, que marcam as experiências do espaço público.

Marvila, como as restantes áreas da cidade, é muito mais do que uma mera estrutura física, um conjunto de edifícios. É a composição de forças que, dentro dos limites da sua área, se interligam e geram unanimidade entre elas, para uma melhor qualidade de vida comunitária.

The city is, rather, a state of mind a body of customs and traditions, and of the organized attitudes and sentiments that inhere in these customs and are transmitted with this tradition. The city is not, in other words, merely a physical mechanism and an artificial construction. It is involved in the vital processes of the people who compose it; it is a product of nature, and particularly of human nature.²⁷ (Park, R. E., Burgess, E. W. & McKenzie, R. D., 1925, p. 1)

Mas esta forte iniciativa, por parte dos moradores, será suficiente para uma melhoria da qualidade de vida desta comunidade? A escassez de espaços públicos de convívio e de lazer são o maior défice desta freguesia, contribuindo para a supressão de relações entre os residentes. Tendo em conta que a freguesia de Marvila é constituída por uma população maioritariamente jovem, é fundamental que esta proposta se foque em promover uma instrução pedagógica desta comunidade, tornando-a mais astuta e entusiasta para novos projectos e acções.

Em apoio desta iniciativa, temos o programa do concurso da 5ª edição da Trienal de Arquitectura de Lisboa, que para além de ser breve, é bastante peculiar. O programa requer especial atenção no que diz respeito a diferentes tipos de escalas, nomeadamente, a escala da comunidade, a escala colectiva, e ainda, a escala humana. Estas três escalas são apropriadas pelos espaços desenvolvidos na proposta, devendo funcionar em harmonia, de modo a fomentar experiências únicas e motivadoras no sector da educação cultural e institucional e, ainda no habitar o espaço urbano.

²⁷ Tradução pela autora - “A cidade é, antes, um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições, e das atitudes e sentimentos organizados que são inerentes a esses costumes e são transmitidos com essa tradição. A cidade não é, em outras palavras, apenas um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvido nos processos vitais das pessoas que o compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.”

3.2.3. Estrutura Física e Urbanística

Através de uma leitura crítica do local e das necessidades desta comunidade, procedeu-se à elaboração de um diagnóstico realista (tabela I), na esperança de estabelecer directrizes que contribuiriam para a “(re)construção da memória do lugar”.

Tabela I. Análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats)²⁸ da área de intervenção.
Fonte: Autora, Novembro de 2018.

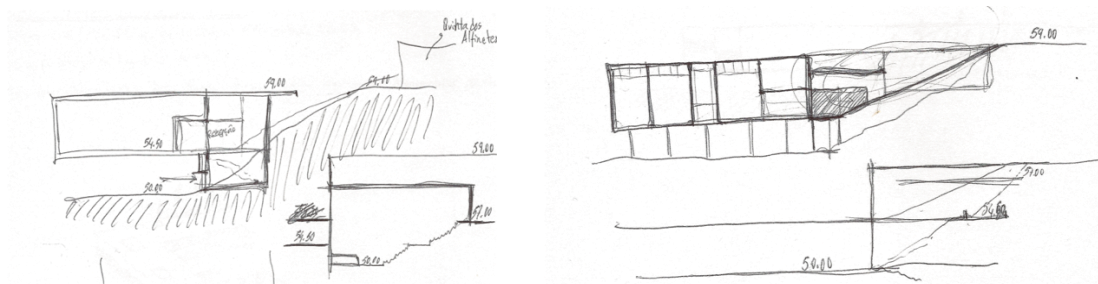
Forças	Fraquezas
<ol style="list-style-type: none">1. Forte relação com a frente ribeirinha;2. Localização estratégica de revitalização da cidade, devido à sua centralidade e proximidade com o elemento natural - a água;3. Preservação das vivências comunitárias;4. Preservação da identidade oriental (senhorial e industrial);5. Edifício com valor patrimonial nas proximidades (ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes);6. Fácil acessibilidade ao terreno.	<ol style="list-style-type: none">1. Malha urbana diversificada e fragmentada;2. Isolamento em relação às restantes realidades da cidade;3. Carência de espaços de convívio e de lazer;4. Falta de espaços públicos e equipamentos de qualidade;5. Espaços obsoletos e vazios urbanos sem função;6. Exclusão social, devido à imagem marginal;7. Isolamento físico e social por parte da população residente;8. Baixo nível de instrução dos residentes;9. Falta de actividades económicas geradoras de emprego;10. Baixo dinamismo sociocultural.
Oportunidades	Ameaças
<ol style="list-style-type: none">1. Aproveitamento da relação com a frente ribeirinha;2. Intervir de modo a tirar partido das pré-existências;3. Criação de espaço de estacionamento subterrâneo;	<ol style="list-style-type: none">1. Aumento da degradação do património;2. Aumento dos espaços obsoletos e degradados;3. Maior isolamento do local em relação à cidade;

²⁸ Tradução pela autora - Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças.

4. Criação de mais espaços verdes e de lazer;
 5. Criação de novos postos de trabalho;
 6. Atrair a população mais jovem;
 7. Melhoramento da qualidade de vida da população residente;
 8. Promover a segurança de habitar e viver o bairro;
 9. Estimular novas vivências comunitárias;
 10. Estabelecer uma homogeneidade na malha urbana;
 11. Desenvolver novas actividades (económicas, socioculturais e turísticas);
 12. Regeneração da identidade histórica e patrimonial que o local acarreta;
 13. Promover a requalificação urbana do local.
4. Falta de atracção na proposta devido à negatividade transmitida pela zona;
 5. Negligência nos recursos existentes e potencialidades;
 6. Aumento da barreira existente com a frente ribeirinha;
 7. Aumento da insegurança e da marginalidade;
 8. Diminuição da população activa;
 9. Falta de incentivos para a população residente e não-residente;
 10. Possíveis conflitos sociais;
 11. Pouco interesse em financiamentos e investimentos;
 12. Perda da identidade oriental;
 13. Poucas actividades e falta de diversificação.

3.2.4. Programa | Escalas

Na perspectiva de converter o sítio em lugar, de acordo com a ideia defendida por Schulz²⁹, propõe-se estabelecer um diálogo entre o Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila e as ruínas do antigo palácio, criando uma plataforma que intensifica a valorização do património existente com uma passagem temporal, entre o passado senhorial e a contemporaneidade.



0.5. Esquissos de estudos de altimetrias da plataforma que estabelece um diálogo com as ruínas do antigo palácio.

Fonte: Autora, Outubro de 2018.

No interior desta plataforma, surge o programa à escala colectiva, ou seja, um programa educativo composto por salas de workshops, salas de aula e de informática, juntamente com um percurso dinâmico, que relaciona a parte social com a parte interpretativa do edifício.

O conceito de leveza transparece através da projecção horizontal da plataforma do Centro, sendo esse gesto a levitação do próprio edifício, que se enraíza no solo até ao antigo palácio.

O seu prolongamento na cota mais alta do terreno (antigo palácio), cria um terraço/miradouro que delimita os espaços no conceito de privacidade, abrindo-os conforme a necessidade de cada um, através do vazio. Este conceito de privacidade, dentro da escala colectiva, procura unir diferentes espaços públicos sociais, numa relação interior/ exterior, oferecendo um prolongamento dos espaços e um certo dinamismo no percurso que estabelecem.

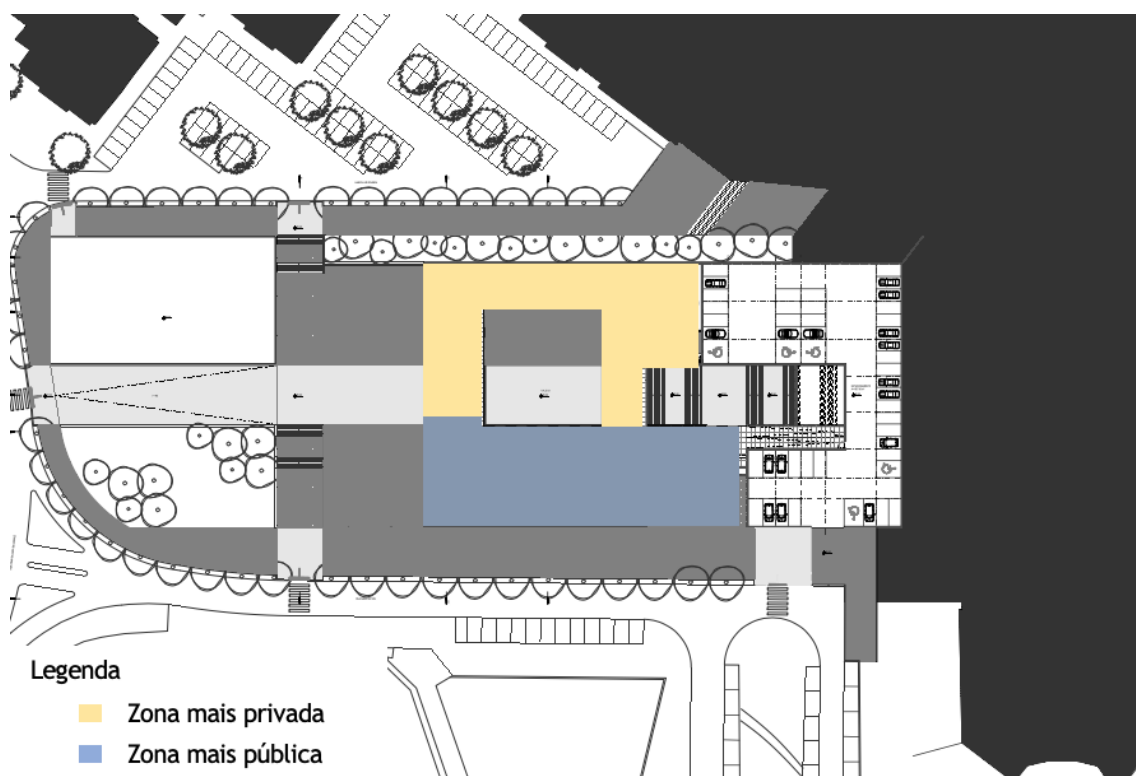
Os vazios que surgem do “terraço”, para além de comunicarem com os espaços no interior do Centro e com a praça na cota abaixo do edifício, estabelecem de forma hierarquizada, percursos lógicos na cobertura do Centro, de modo a promover uma vista desafogada para o Mar da Palha.

Esta organização do espaço através do vazio, continua intrínseca na relação interior/ exterior. No interior do Centro, a organização espacial responde ao grau de privacidade que cada espaço exige, recebendo apenas a luz necessária para tornar o espaço habitável. Neste sentido e observando a fig. 3.6, percebe-se que o grande vazio organiza os espaços através de

²⁹ “A phenomenology of place therefore has to comprise the basic modes of construction and their relationship to formal articulation. Only in this way architectural theory gets a truly concrete basis.” (Schulz, 1989, p. 15) Tradução pela autora - Uma fenomenologia do lugar, portanto, deve compreender os modos básicos de construção e da sua relação com a articulação formal. Só desta maneira a teoria arquitectónica adquire uma base verdadeiramente concreta.

um percurso lógico como na cobertura, dando a ideia de que se divide o edifício em dois. Isto é, no alinhamento da entrada organizam-se os espaços de cariz social como é o caso, do bar, das salas de workshop e do espaço expositivo, enquanto que, ao percorrer o grande vazio percebe-se que o grau de privacidade dos espaços aumenta, emergindo a zona mais instrutiva e administrativa do Centro: sala de aula, sala de informática, espaço de leitura, gabinetes do director, do sociólogo, do psicólogo, do animador cultural/ voluntários e sala de reuniões.

O ponto focal da proposta é a multifuncionalidade dos espaços que a compõem, podendo ser atribuídas novas funções e usos. Sustentando esta ideia, seguem os acabamentos e as soluções construtivas propostas, para que possa haver uma facilidade na “transformação” do projecto.



0.6. Diagrama de organização do espaço do Centro consoante o grau de privacidade.
Fonte: Autora, Junho de 2019.

3.2.5. Materialidade

A Forma | A Estrutura

Agregado à organização do espaço vem a forma do edifício, procurando estabelecer uma relação entre o espaço que ocupa e a forma que o constitui.

“As formas organizam assim o espaço, mas tal como a folha de papel que inicialmente referimos e onde marcámos um ponto é um espaço que constitui também forma, que é como que um negativo do mesmo ponto, poderemos, generalizando igualmente, afirmar que aquilo a que chamamos espaço é também forma, negativo ou molde das formas que os nossos olhos apreendem, dado que num sentido visual, que é aquele que para o caso importa considerar, o espaço é aquilo que os nossos olhos não conseguem apreender por processos naturais. Visualmente, portanto, poderemos considerar, que as formas animam o espaço e dele vivem, mas não deverá nunca esquecer-se que, num conceito mais real, o mesmo espaço constitui igualmente forma, até porque aquilo a que chamamos espaço é constituído por matéria e não apenas as formas que nele existem e o ocupam, como os nossos olhos deixam supor.” (Távora, 2001, p.12)

Considera-se pertinente, portanto, estabelecer uma adaptação à topografia do terreno, através da materialização lógica e identitária do local.

Neste caso, a filtragem do elemento icónico do passado senhorial presente no local, as ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes, não é apenas um mero sentimento nostálgico ou monumentalização do espaço, mas uma integração e continuidade do espaço urbano contemporâneo.

O eco da paisagem repercute-se. Ao trabalhar com o que a paisagem sugere e ao mesmo tempo com os seus elementos, origina um objecto arquitectónico independente, capaz de definir, de uma maneira quase arrogante, quais os termos em que a paisagem pode ser experienciada. E, portanto, o objecto arquitectónico torna-se completamente dominante em relação à paisagem.

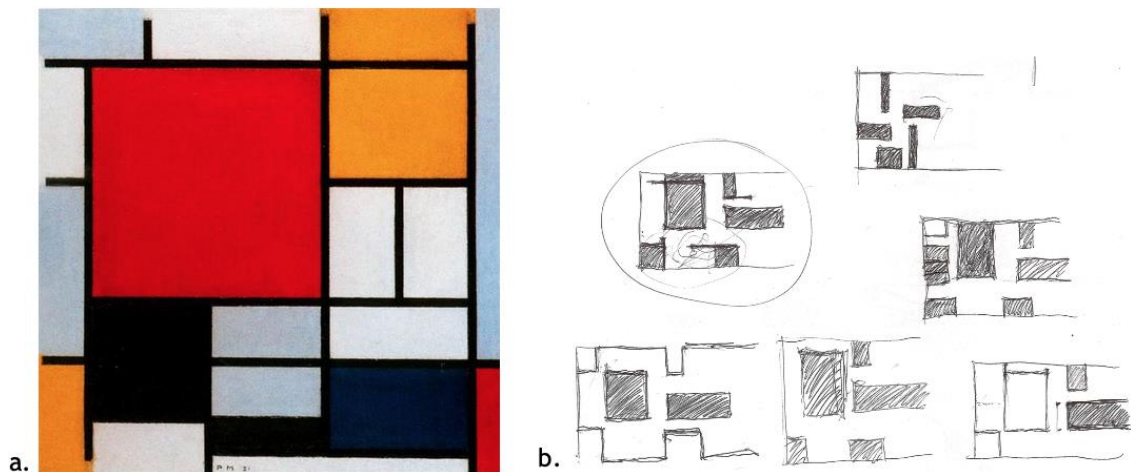
Num outro sentido, é uma espécie de arquétipo³⁰, um paradigma entre objecto arquitectónico e a sua envolvente, em que o contexto suporta-o, mas o objecto arquitectónico é autoportante de si mesmo.

A estrutura, a estrutura portadora era portanto não só a transmissora das cargas da Gravidade mas, sobretudo, a geradora da ordem da Arquitectura.

E assim, quando se concebe a Ideia cuja necessária materialização nos dará a Arquitectura, a estrutura portadora, o modo como tudo aquilo deverá suste-se, deve ser claro desde o primeiro momento. (Baeza, 2011, p.49)

³⁰ “Para se compreender todo este processo estuda-se a análise dimensional do símbolo, prevendo as regras de formação, as regras de transformação, a dimensão semântica do signo, o símbolo matemático, a consciência simbólica e o símbolo. O que aconteceu foi substituir o inconsciente pela dedução de signos e de símbolos da linguagem arquitectónica, que serviram de códigos e instrumentos das suas formas e na sua evolução cultural, num novo pensamento do SER transcendental.” (Consigliari, 2007, pp. 163 e 164)

Outro aspecto relacionado com a forma do edifício é a sua plasticidade, a ordem e a desordem na sua imagem arquitectónica. Isto reflecte-se na composição dos vazios que nascem no terraço e hierarquizam os espaços de forma ordenada e coesa, ao contrário do que o exterior do edifício aparenta (uma imagem desordenada). Um exemplo, deste tipo de forma, é quando ao observar um quadro de Piet Mondrian (fig. 3.7), nos deparamos com uma beleza ordenada e equilibrada de planos cromáticos que simplesmente sofrem deslizamentos, criando uma dinâmica e, ao mesmo tempo, estabilidade no quadro.

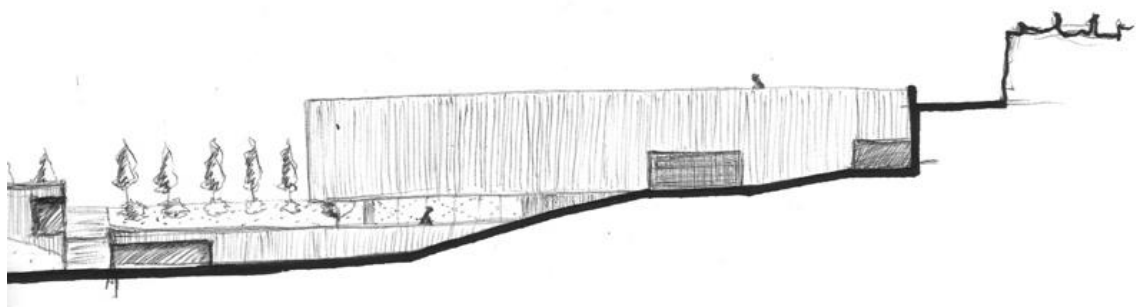


0.7. Composição com vermelho, amarelo, preto, cinza e azul de Piet Mondrian (a.) e relação visual que estabelece com a proposta (b.).

Fonte (a): WikiArt. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/piet-mondrian/composition-with-large-red-plane-yellow-black-gray-and-blue-1921>, consultado a 30 de Outubro de 2018.

Fonte (b): Autora, Novembro de 2018.

Nesta relação entre público e privado, cheio e vazio, exerce-se uma certa coragem ao privar o Centro da paisagem. Parece que o próprio edifício obriga aqueles que o visitam, a percorrer e a vivenciar o espaço exterior a ele próprio. Apesar deste conceito de privacidade, em que o Centro vive da sua plasticidade cega e do vazio, que organiza o espaço de forma racional, e de uma abstracção da própria construção, o volume tende a querer assumir-se na paisagem devido à sua resultante volumétrica que surge do terreno, como uma rocha ancorada às ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes.

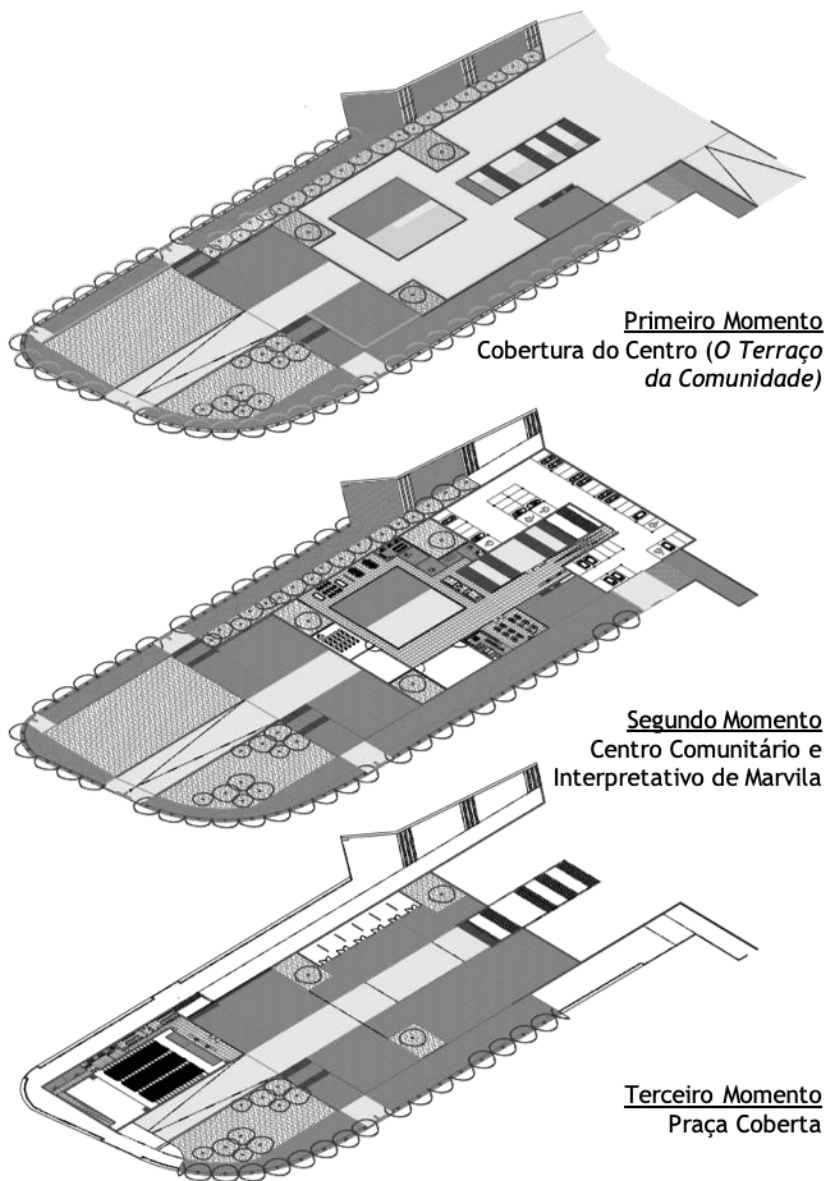


0.8. Esquisso do conjunto da proposta.

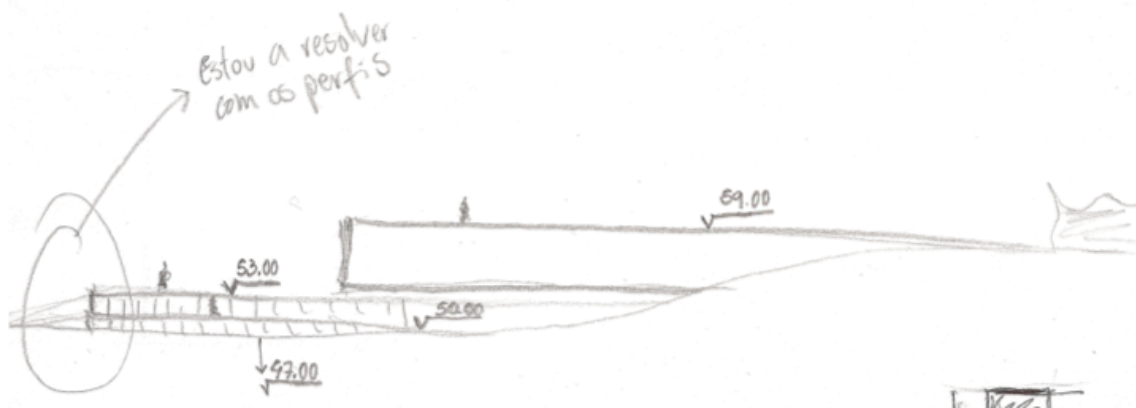
Fonte: Autora, Novembro de 2018.

Espaços Exteriores ao Centro

O corpo de betão do Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila estabelece três momentos do espaço público (fig. 3.9): *O Terraço da Comunidade* (cobertura do Centro), que convida todos os utilizadores do programa numa experiência de contemplação da paisagem da qual beneficia; o próprio Centro, que representa, como foi anteriormente referido, a escala colectiva da proposta; e a praça coberta, criada pela elevação do próprio maciço do Centro. Nesta estratificação do espaço público urbano, cria-se, com o auxílio de um eixo, uma ligação entre todas as partes, que dão vida à proposta. Este gesto de prolongar a “vida” do centro para o espaço urbano, ou seja, um prolongamento desde a escala da comunidade até à escala colectiva, reforça a ideia da *Racionalidade Construtiva*, em que todas as partes estão interligadas de forma funcional e intencional, no limiar entre interior e exterior.



0.9. Isometria dos três momentos de espaço público.
Fonte: Autora, Junho de 2019.

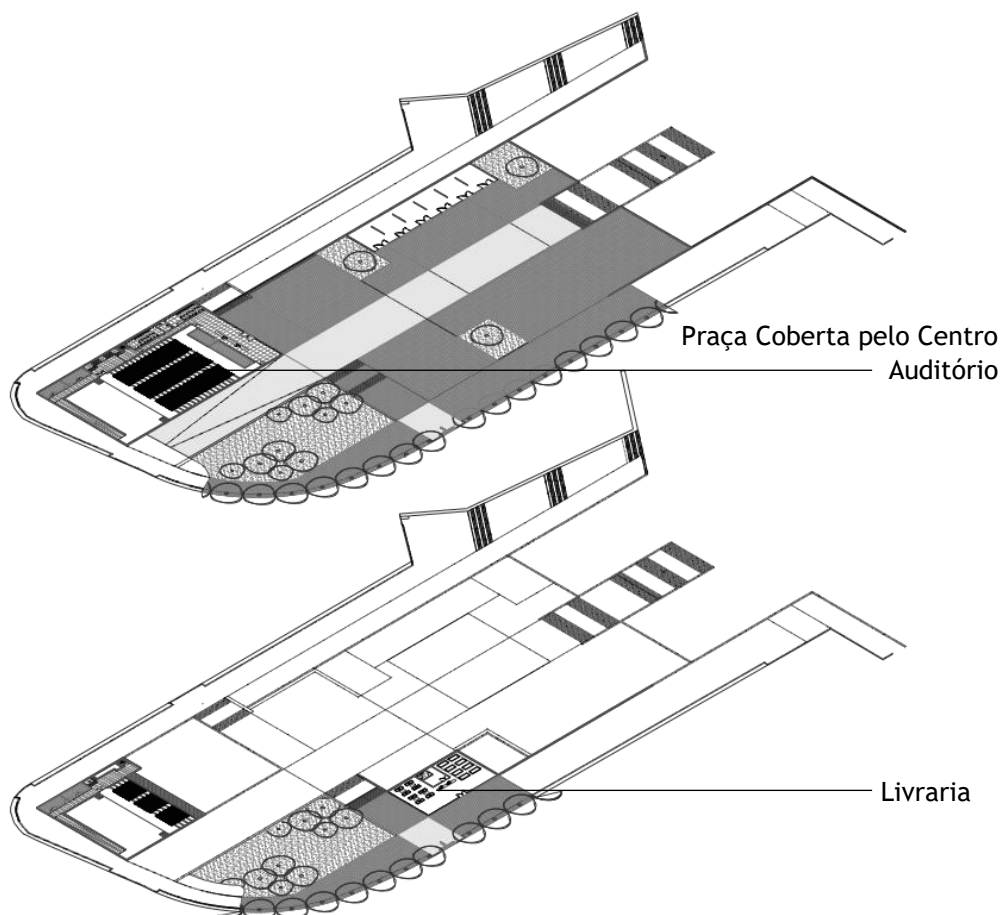


0.10. Relações altimétricas da proposta.
Fonte: Autora, Novembro de 2018.

Na organização do espaço urbano, a proposta apresenta uma solução uniformizada e de uma extrema simplicidade, procurando resolver num só gesto, as diversas apropriações que os espaços podem ganhar. No apoio desta liberdade de usos do espaço urbano, surge a praça miradouro na cobertura do Centro (*O Terraço da Comunidade*), organizada através dos vazios que perfuram o edifício. Esta subdivisão do “terraço” gera praticas na grande praça, de modo a desenhar vários espaços dentro de um só espaço, respondendo à diversidade na sua utilização.

Da elevação do Centro, surge a praça coberta, que em sensações de leveza e, ao mesmo tempo, de tensão, derivadas da sua horizontalidade, consegue estabelecer um espaço confortável com a ajuda dos vazios que atravessam o edifício, como se a praça procurasse a luz. Aí, surgem as galerias expositivas, que funcionam como um “braço”, direccionando a proposta uma vez mais, para a paisagem. Esta conexão entre o espaço e a vista é procurada no desenho do espaço público em diversas perspectivas e enquadramentos. Outro espaço que estabelece uma relação com o rio Tejo, é a cobertura acessível do auditório, ao qual faz o remate da praça coberta, estabelecendo um programa diversificado a nível cultural.

Depois da breve pesquisa sobre a proposta de Oscar Niemeyer, para este vazio urbano, percebeu-se que seria estabelecido um programa maioritariamente cultural e, desse modo, procurou-se fazer uma ligação entre o que foi pensado e o que iria ser desenhado nesta proposta. Nesse sentido, e no remate de todo o programa, não ficando apenas pela instrução do Centro, numa saída ou entrada da praça coberta, surge a livraria (fig. 3.11) que reforça a instrução pedagógica desta comunidade.



0.11. Isometria do remate do programa.
Fonte: Autora, Junho de 2019.

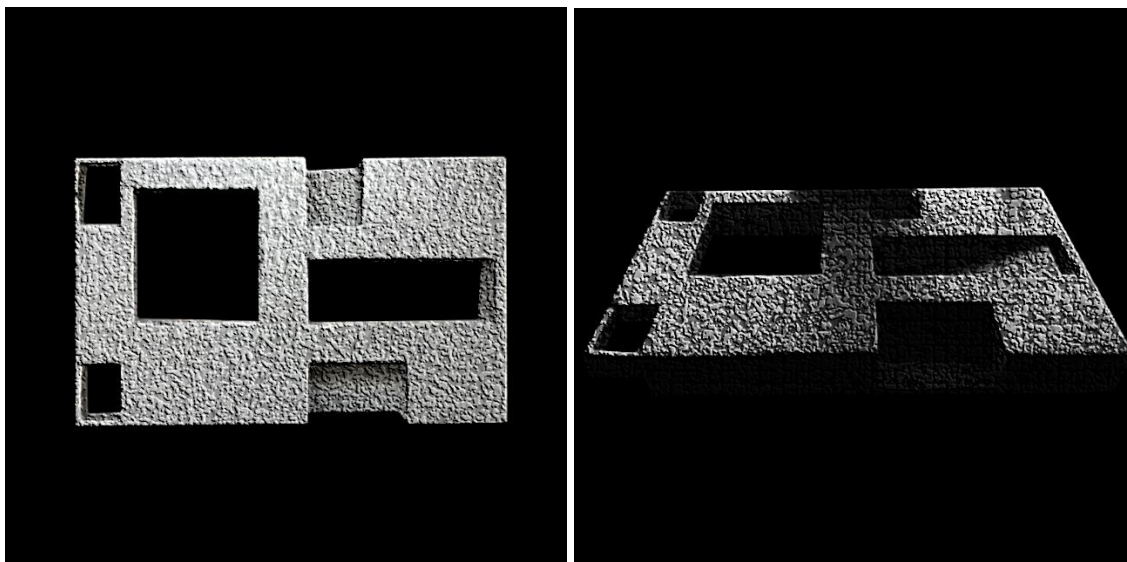
A Luz | Os Revestimentos | As Texturas

Antes de se abordar o tema da luz, não se poderia seguir sem fazer referência a Alberto Campo Baeza (2013) que descreve a luz como uma matéria essencial na Arquitectura: “*Architectura sine luce nulla architectura est*” (p. 17).

A luz procura na proposta, através do vazio, dar vida aos espaços, tornando-os habitáveis. É uma luz controlada, que perfura o volume de uma ponta à outra, marcando os espaços com a passagem do tempo. Esta travessia de camadas que a luz percorre, estabelece um diálogo entre luz/ sombra, criando um “jogo de luz” dinâmico na praça de onde o Centro se eleva.

E assim, se estabelece o “diálogo entre o espaço, a luz que o percorre e o homem que o habita” (Baeza, 2013, p. 33).

A materialidade do conjunto segue uma solução arquitectónica de identidade própria e com significado, ajustada à analogia de uma rocha (fig. 3.12) que emerge do terreno, criando diferentes atmosferas na sua relação exterior e interior.



0.12. Maqueta de estudo.

Fonte: Autora, Ana João, Mariana Miranda, Novembro de 2018.

O betão, associado a esta analogia, caracteriza a rocha que dá forma aos volumes da intervenção, vinculando-a como algo que já existisse, algo imutável. Aliado à luz, transparece a textura e a cor, revelando dois estados da rocha.

Neste sentido, pretende-se que a proposta tenha um peso a nível sensorial, seja ele táctil, reconhecendo as diferentes texturas, ou a nível da condição corporal humana, como citou Pallasmaa (2011):

“Entender a noção de escala na arquitetura implica a medição inconsciente do objecto ou da edificação por meio do próprio corpo do observador, e na projeção de seu esquema corporal no espaço em questão.” (p. 63)

Numa passagem exterior/ interior, cria-se duas atmosferas diferentes numa fracção de segundos, passando do estado natural da rocha (exterior), quase brutalista, para o estado lapidado (interior). Esta transição pretende conduzir o projecto numa “tensão entre interior e exterior” (Zumthor, 2006, p. 47), criando um objecto arquitectónico dominante, que se assume na paisagem, não só através da sua forma, mas através dos seus acabamentos.

No exterior, a proposta apresenta a rocha natural, com textura e cor semelhante, criando uma uniformidade no contexto em que se insere, quase como num sentido de pertença, em que o edifício aparenta ser um objecto imutável no tempo e no espaço.

“A cor branca na Arquitectura, mais claramente do que na Pintura, é muito mais que uma mera abstracção. É uma base firme e segura, eficaz para resolver problemas de luz: para apanhá-la, para reflecti-la, para fazê-la incidir, para fazê-la deslizar. E uma vez controlada a Luz e iluminados os planos brancos que o definem, o espaço fica dominado.” (Baeza, 2013, p. 33)

Enquanto no interior, o edifício assume uma atmosfera de conforto, através de acabamentos aprimorados, aliados à cor branca e à luz, criando uma experiência de sensações distinta da do exterior. Como refutou Victor Consiglieri (2007, p. 175), para criar “vias sensitivas do cérebro, são necessárias codificações de estímulos”, obtendo assim duas partes distintas e interligadas, em simultâneo: “Uma relativa à área sensorial que expõe as propriedades do estímulo e a outra executa as transformações físicas dos impulsos nervosos.” (p. 175). Este salto entre estímulos e impulsos, reflete-se na passagem que a proposta apresenta ao criar diferentes atmosferas e ambientes.

É nesta distinção entre exterior e interior, que a proposta pretende desenvolver uma emoção no observador, através da passagem do estado bruto para o estado lapidado da rocha.

Considerações Finais

A *Racionalidade Construtiva* é um tema bastante pertinente no âmbito da arquitectura, podendo perceber-se que uma construção não é uma mera construção composta pelos seus materiais, estruturas, acabamentos ou espaços. É uma componente poética na disciplina da arquitectura que unifica todas as partes da construção numa só, um elo de ligação que enraíza a ideia/ conceito com a matéria da construção.

É importante realçar que esta temática, muitas das vezes é esquecida ou simplesmente ignorada quando se inicia uma proposta de arquitectura. São inúmeras as ideias, que ao longo deste processo, vão perdendo sustentabilidade e racionalidade na forma de a pensar e materializar. Portanto, deve-se ter consciência de que uma arquitectura racional, sensível às respostas pretendidas, deve ser maturada de modo integrado com as componentes que lhe dão forma. Estas podem estar relacionadas com o lugar, a sua identidade e memória, as necessidades do indivíduo, o contexto social, cultural, económico e/ ou tecnológico, ou mesmo a necessidade de reverter situações actuais debilitadas no contexto arquitectónico.

Conclui-se que a *Racionalidade Construtiva* pode ser a solução de vários problemas na arquitectura, se for inerente na origem de toda a construção, podendo facilitar na procura de soluções para uma construção de qualidade, não apenas a nível estético ou conceptual, mas a nível técnico.

No desenvolvimento deste projecto, a *Racionalidade Construtiva* é representada nessa ideia de união entre todas as partes da proposta, desde a memória e identidade do lugar, ao mais ínfimo pormenor que retém o conceito na sua forma, composição, materialidade, ou mesmo na sua organização espacial.

Numa área da cidade que caiu em esquecimento ao longo dos tempos, e onde o vazio urbano é dominante, a apresentação de fortes possibilidades de criar uma nova centralidade é inerente no contexto onde a proposta se insere. Devido às características de segregação, e consequentes problemas no contexto social desta comunidade, procurou-se reforçar na proposta o carácter social, de modo a que o projecto respondesse às necessidades dos indivíduos.

O foco da ideia em projectar para a comunidade, levou a proposta numa revitalização urbana que emerge da ponte entre dois tempos, o passado e a actualidade. Na congruência destes dois tempos, reflecte-se o contexto histórico dando forma ao Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila, direccionado para os indivíduos desta comunidade, que perderam o seu forte espírito de união, assumindo o objectivo de reverter essa situação.

A evidente relação do Centro com as ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes permite criar a ponte entre o passado senhorial e a actual contemporaneidade, sendo este gesto uma recriação da história através da memória do lugar.

A clareza com que o Centro abraça o lugar, reflecte a *Racionalidade Construtiva* da proposta, afirmada desde a ideia/ conceito, aos detalhes construtivos adoptados para melhor

representar o conceito de união entre o antigo e o contemporâneo, o passado e o presente. Este estudo prático pretende consciencializar a importância do tema *Racionalidade Construtiva* no acto de projectar arquitectura, e como pode ser influenciador nas respostas da construção. Permitiu aprofundar a experiência e conhecimentos sobre o tema, bem como contribuir para futuras investigações e acções nesta lógica de fazer arquitectura.

Referências Bibliográficas

Livros

Bachelard, G. (1989). *A Poética do Espaço*. Tradução: Danesi, A. P. (1ª Ed. Brasileira). São Paulo: Martins Fontes.

Baeza, A. C. (2013). *A ideia construída*. Tradução: Silva, A. C. (5ª Ed.). Casal de Cambra: Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA.

Baeza, A. C. (2013). *Pensar com as mãos*. Tradução: Santos, E. (2ª Ed.). Casal de Cambra: Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA.

Cannatà, M. & Fernandes, F. (1999). *Construir no tempo*. (1ª Ed.). Lisboa: Estar-editora.

Castel, R. (2005). *Metamorfozes da questão social: uma crônica do salário*. Tradução: Poleti, I. D. (5ª Ed.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. Lefebvre, H. (2012). *O Direito à Cidade*. Tradução: Lopo, R. (1ª Ed.). Lisboa: Estúdio e Livraria Letra Livre.

Consiglieri, V. (2007). *As Metáforas da Arquitectura Contemporânea*. (1ª Ed.). Lisboa: Editorial Estampa, Lda.

Niemeyer, O. (2018). *A Forma na Arquitectura*. Lisboa: EDIÇÕES 70.

Nora, P. (1984). *Les Lieux de Mémoire*. (Vol. I). Paris: Editions Gallimard.

Pallasma, J. (2011). *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Tradução técnica: Salvaterra, A. Bookman. Porto Alegre.

Park, R. E., Burgess, E. W. & McKenzie, R. D. (1925). *The City. Suggestions for Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. Chicago: The University of Chicago Press.

Purini, F. (2009). *Compor a Arquitectura*. Tradução: Silva, M. D. Lisboa: ACD Editores & Faculdade de Arquitectura de Lisboa.

Silva, A. V. (1968). *Biblioteca de Estudos Olisiponenses. Dispersos e A. Vieira da Silva*. (Vol. I, 2ª Ed.). Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

Silva, A. V. (1985). *Biblioteca de Estudos Olisiponenses. Dispersos e A. Vieira da Silva*. (Vol. II, 2ª Ed.). Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa. Schulz, C. N. (1980). *Genius Loci. Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli New York.

Távora, F. (2006). *Da organização do espaço*. (6ª Ed.), FAUP. Porto.

Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona.

Dissertações e Artigos

Abreu, J. G., (2005). *Arte Pública e Lugares de Memória*. On the W@terfront, (7), 48-66. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/viewFile/217119/293689>, acedido a 09 de Abril de 2019.

Araújo, C. O., (2016). Marvila: Habitar através dos vazios urbanos. A Regeneração de um quarteirão e os seus elementos urbanos, enquanto estratégia de requalificação da cidade. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/80549460.pdf>, acedido a 05 de Maio de 2019.

Martins, J., (2017). *Reconversão dos armazéns Abel Pereira da Fonseca, como elemento para a revitalização do Poço do Bispo, Lisboa*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa). Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/14539>, acedido a 18 de Março de 2019.

Marum, J. H. C. (2012). *Concepção e representação no projecto de arquitectura. Metodologia do projecto académico*. (Tese de Doutoramento, Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira Interior). Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2270>, acedido a 14 de Maio de 2019.

Ochoa, A. R., (2005). *Dinâmicas de Crescimento em Metrópoles Portuárias. Tensões a Oriente da Cidade de Lisboa*. On the W@terfront, (7), 30-41. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/viewFile/217110/293603>, acedido a 03 de Abril de 2019.

Ochoa, A. R., (2007). *Da Azinhaga à Estrada. Memória e Identidade na Zona Oriental de Lisboa*. On the W@terfront, (9), 33-41. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/view/218351/29744>, acedido a 09 de Abril de 2019.

Oliveira, H., (2012). *Reabilitação da Quinta dos Alfinetes. Casa Museu de Marvila.* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa). Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/5783>, acedido a 18 de Março de 2019.

Paredes, P., (2011). *Marvila. Transversalidades Ribeirinhas. Integração infra-estrutural e renovação do tecido urbano.* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa). Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/6744>, acedido a 18 de Março de 2019.

Endereços da Internet

Grilo, S., (2015, Junho 07). *Lisboa capital do nada.* Olhar(es). Disponível em: <http://sofiagrilo.blogspot.com/2015/06/lisboa-capital-do-nada.html>, acedido a 18 de Março de 2019.

Dicionário, E. E. I. (2016). Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt>, acedido a 16 de Abril de 2019.

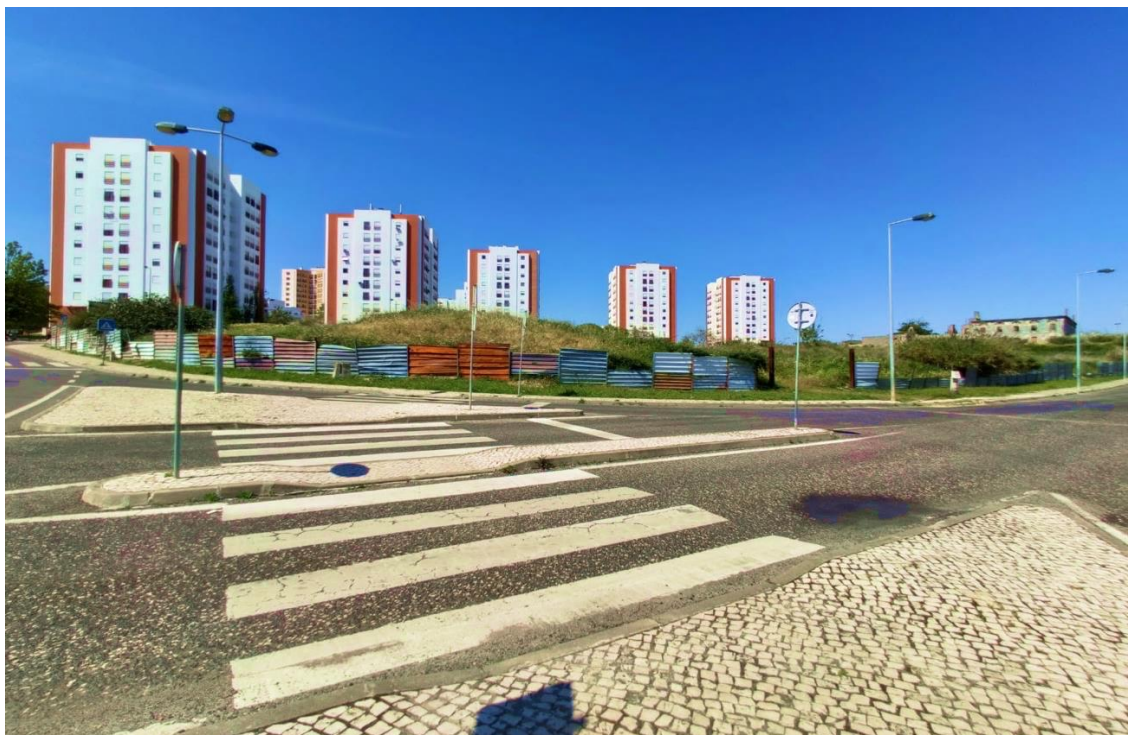
JFM, (2016). História de Marvila. Junta de Freguesia de Marvila. Disponível em: <http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/historia>, acedido a 04 de Abril de 2019.

Sociedade, (2018, Maio 22). *Expo 98: Há 20 anos, Lisboa tornava-se a capital do mundo,* Visão. Disponível em: <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2018-05-22-Expo-98-Ha-20-anos-Lisboa-tornava-se-a-capital-do-mundo>, acedido a 02 de Abril de 2019.

Soares, M., Nóbrega, T. & Henriques, A., (2012, Dezembro 06). *Portugal tem três projectos de Niemeyer na gaveta,* Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/12/06/culturaipilon/noticia/portugal-tem-dois-projectos-de-niemeyer-na-gaveta-1576412>, acedido a 11 de Maio de 2019.

TAL, (2018, Outubro 03). Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium BCP. Disponível em: https://www.trienaldelisboa.com/open-calls-pt/d/opencalls_t2019-universidades?dates, acedido a 10 de Outubro de 2019.

Anexo I. Levantamento fotográfico



0.1. Vista a sul do terreno da proposta.
Fonte: Autora, Novembro, 2018.



0.2. Vista da cota das ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes.
Fonte: Autora, Novembro de 2018.

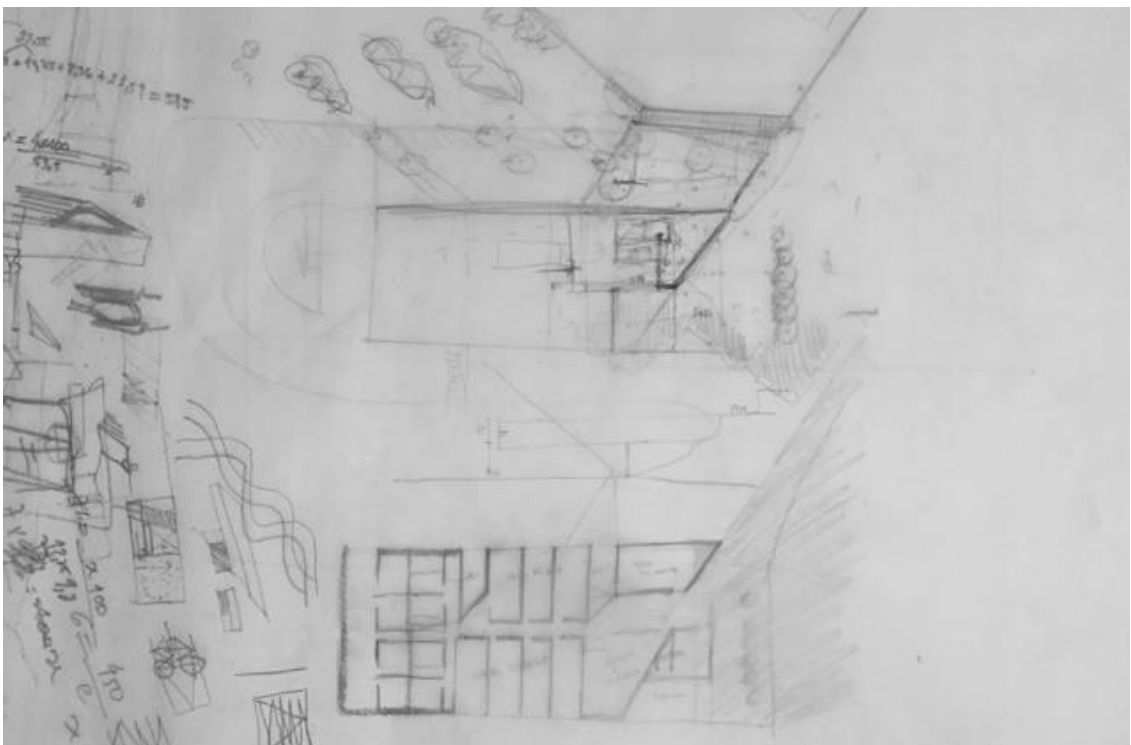
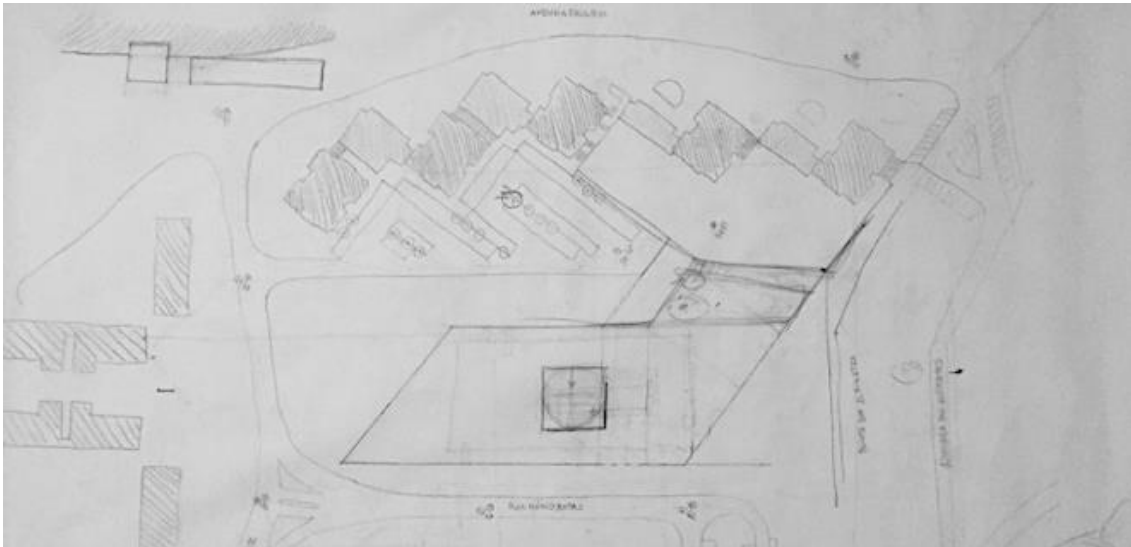


0.3. Vista a norte do terreno.
Fonte: Autora, Outubro de 2018.

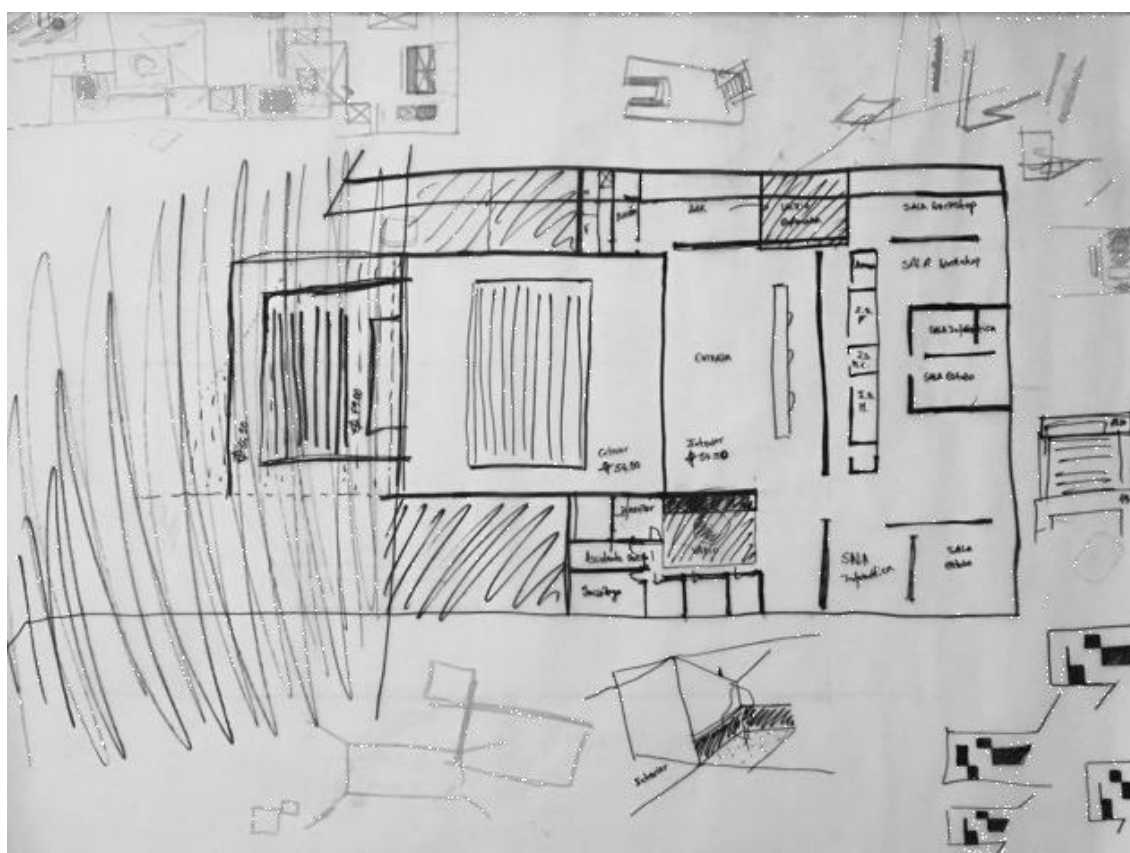
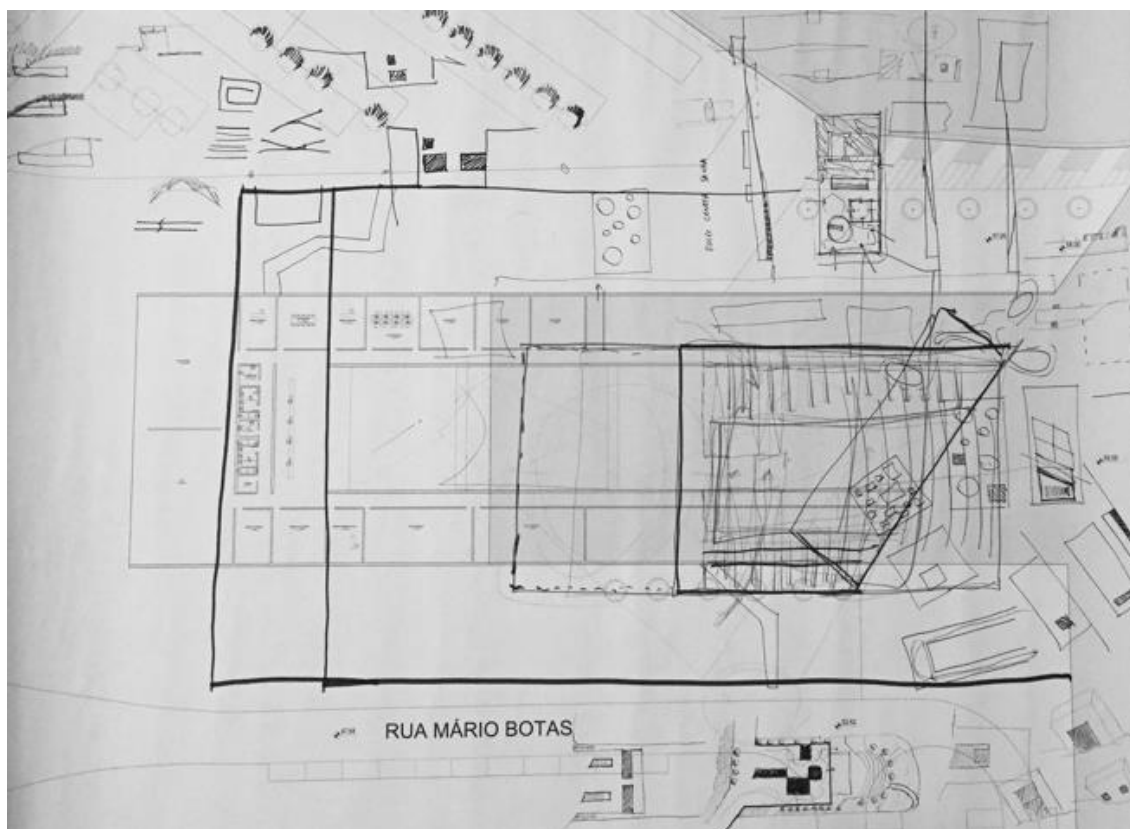


0.4. Vista do terreno para a paisagem, Mar da Palha.
Fonte: Autora, Novembro de 2018.

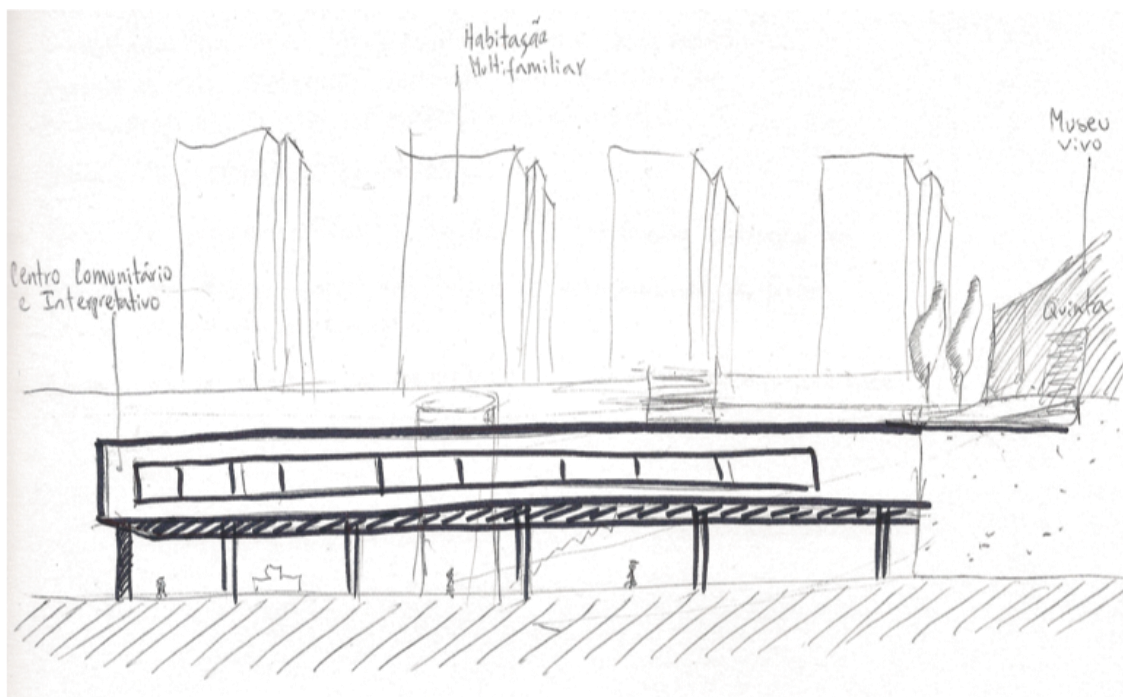
Anexo II. Esquissos



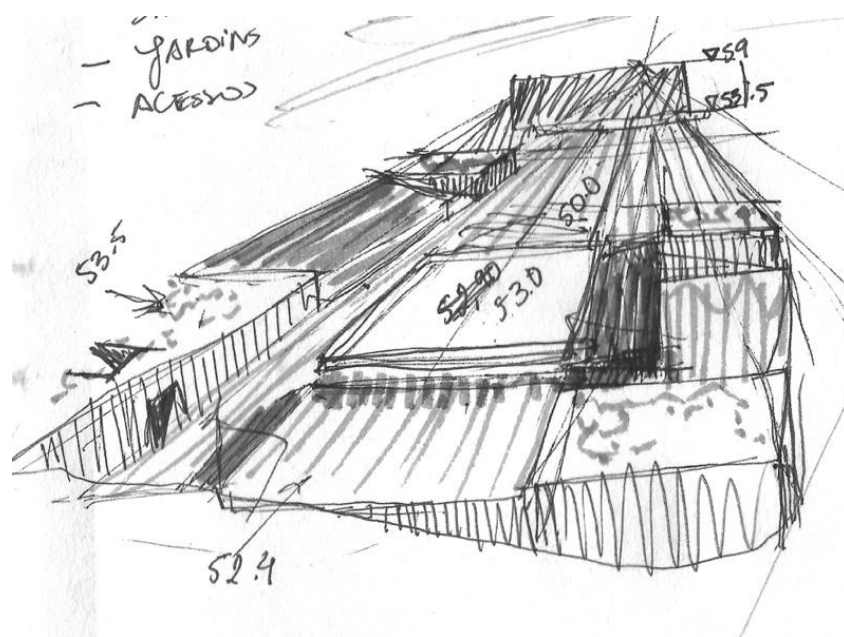
0.1. Estudos iniciais da forma do edifício do Centro.
Fonte: Autora, Outubro de 2018.



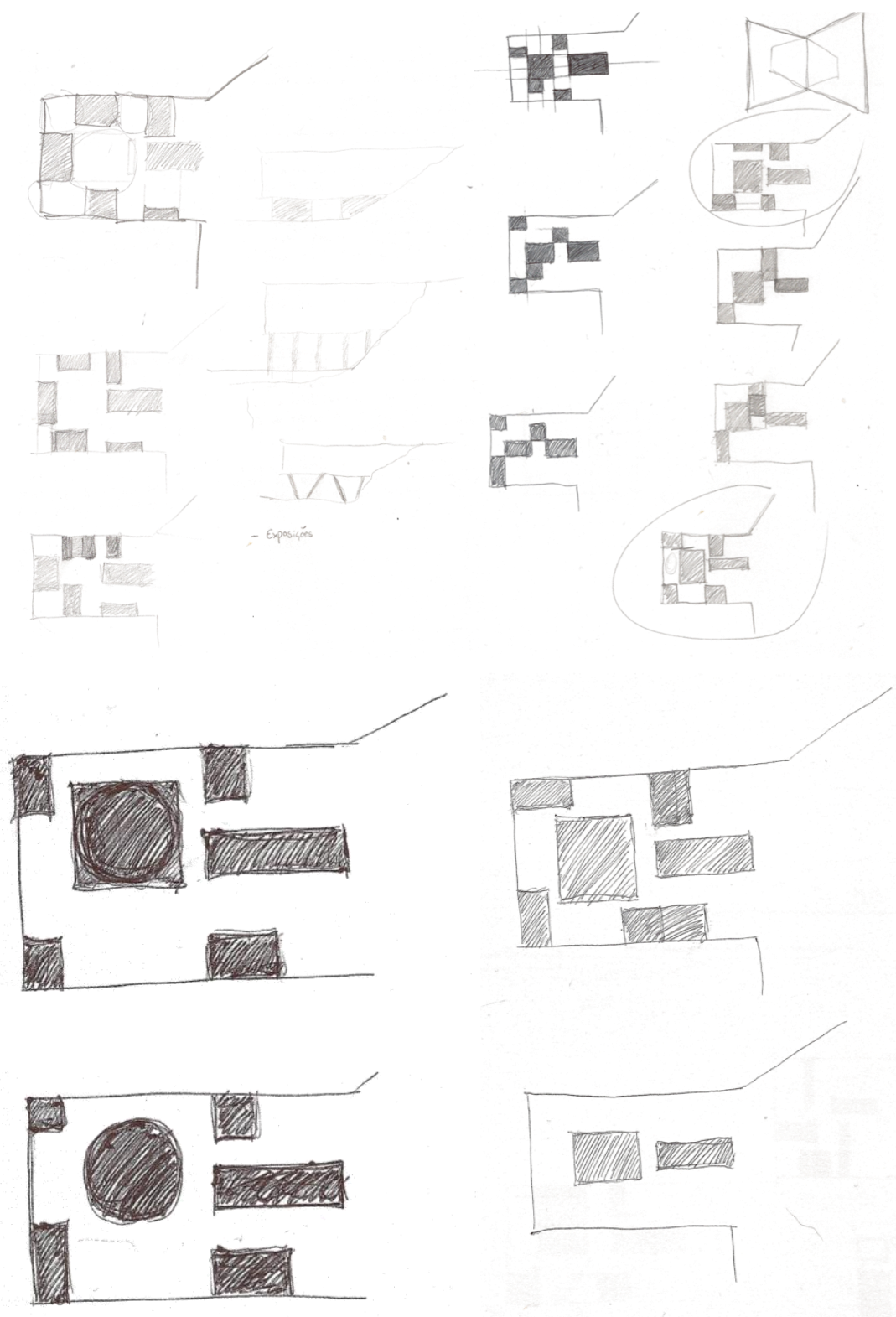
0.2. Estudos iniciais da organização espacial do Centro.
Fonte: Autora, Outubro de 2018.



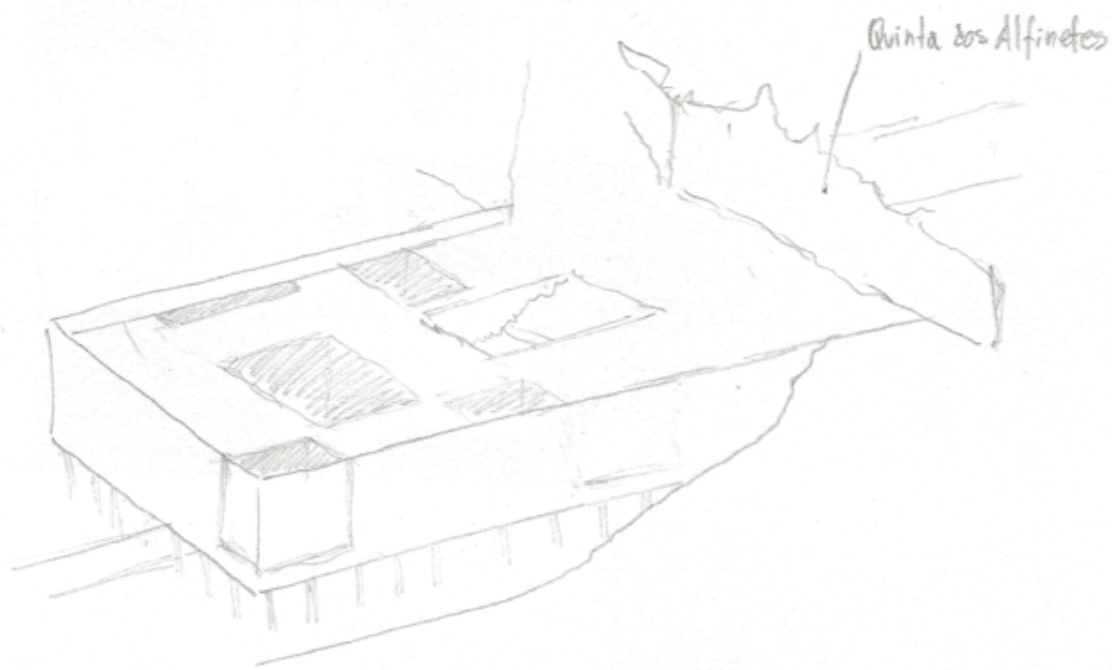
0.3. Primeiro estudo do prolongamento da proposta.
Fonte: Autora, Novembro de 2018.



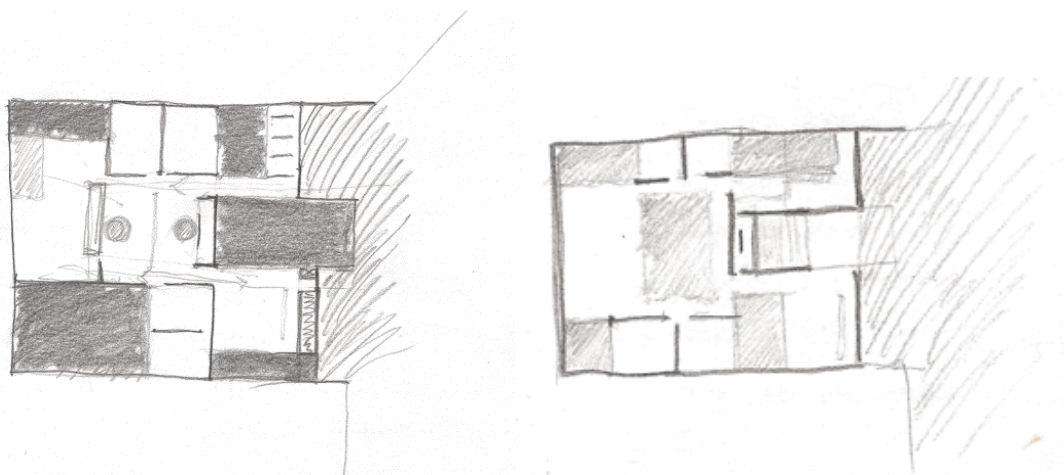
0.4. Estudos das diferentes perspectivas de enquadramento nos espaços exteriores.
Fonte: Ana João, Novembro de 2018.



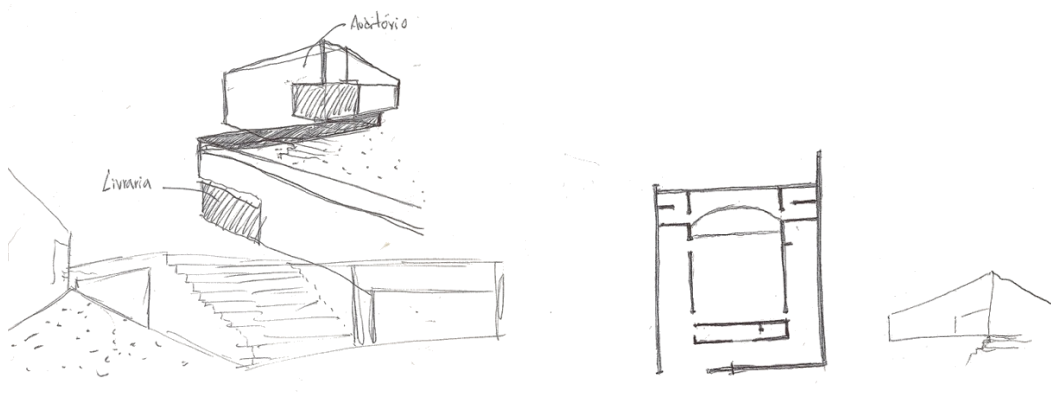
0.5. Diversos estudos da composição dos vazios organizadores do espaço.
Fonte: Autora, Novembro de 2018.



0.6. Estudo da relação dos vazios com os alçados.
Fonte: Autora, Dezembro de 2018.

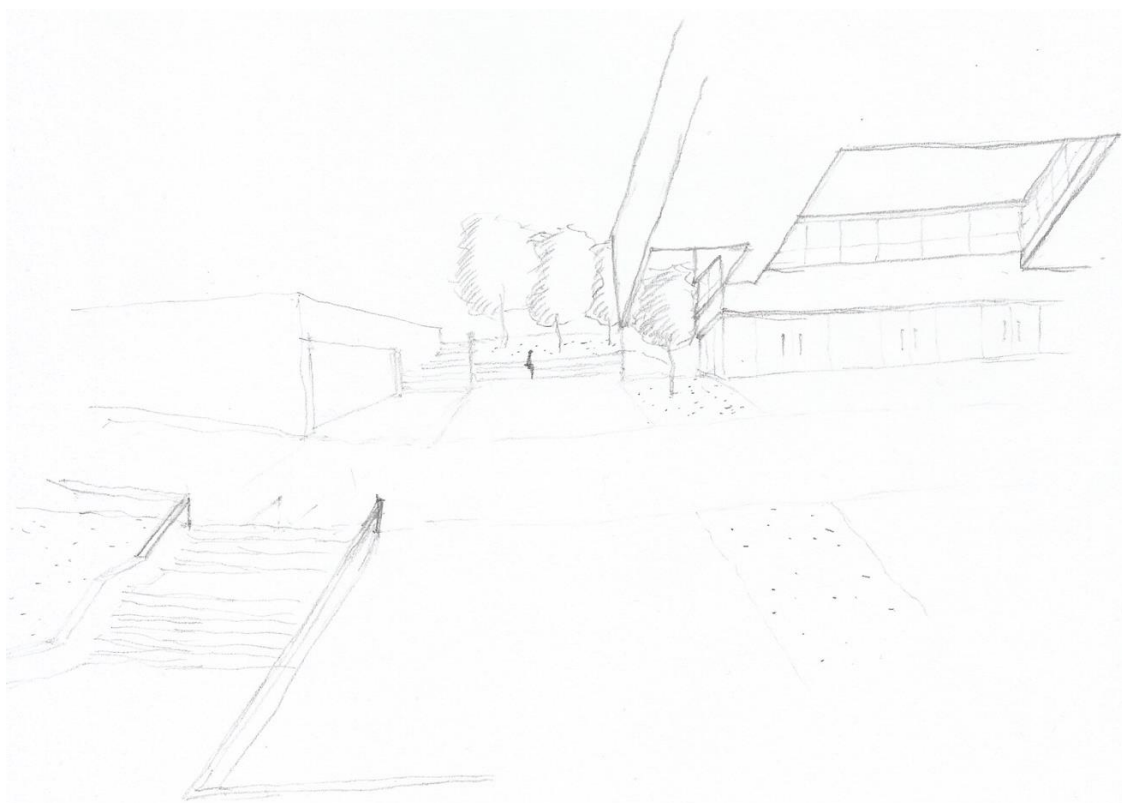


0.7. Estudos dos vazios geradores do espaço.
Fonte: Autora, Novembro de 2018.



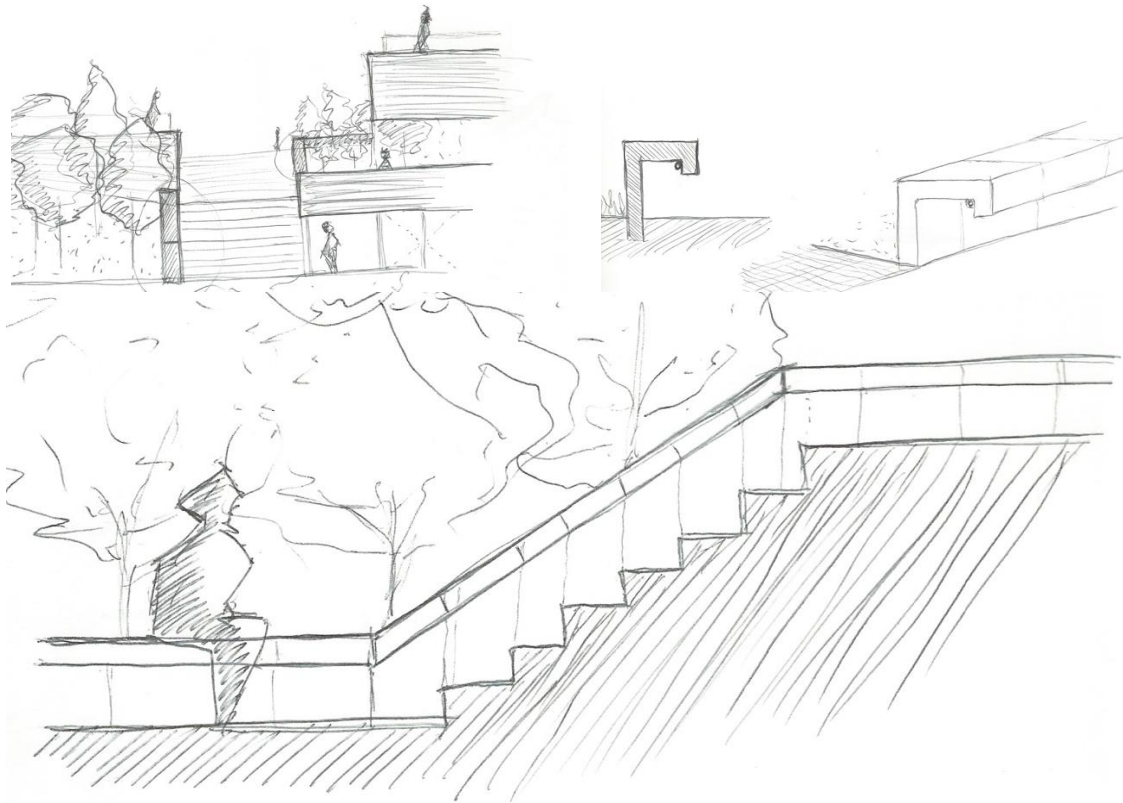
0.8. Relação do auditório/ livreria e uma das possíveis organizações espaciais do auditório, de onde se evoluiu.

Fonte: Autora, Dezembro de 2018.



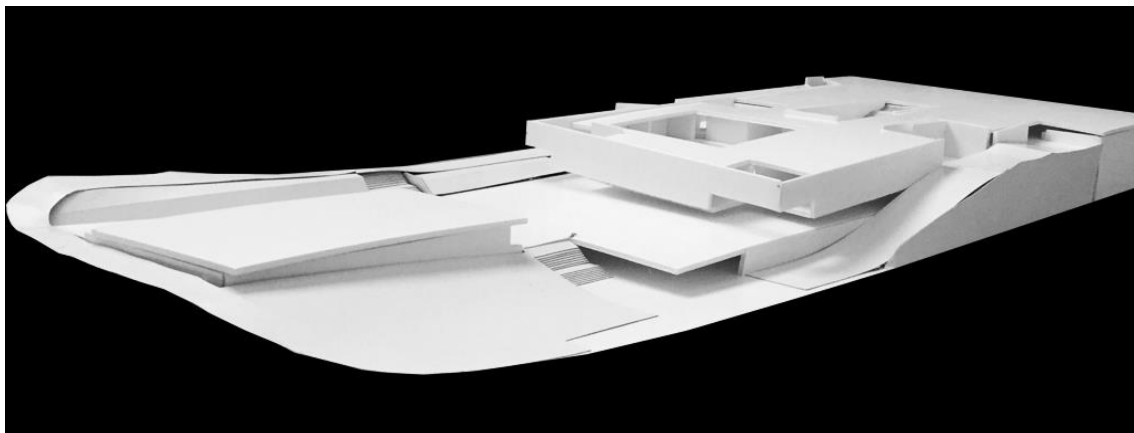
0.9. Vista da praça coberta pelo Centro.

Fonte: Autora, Novembro de 2019.

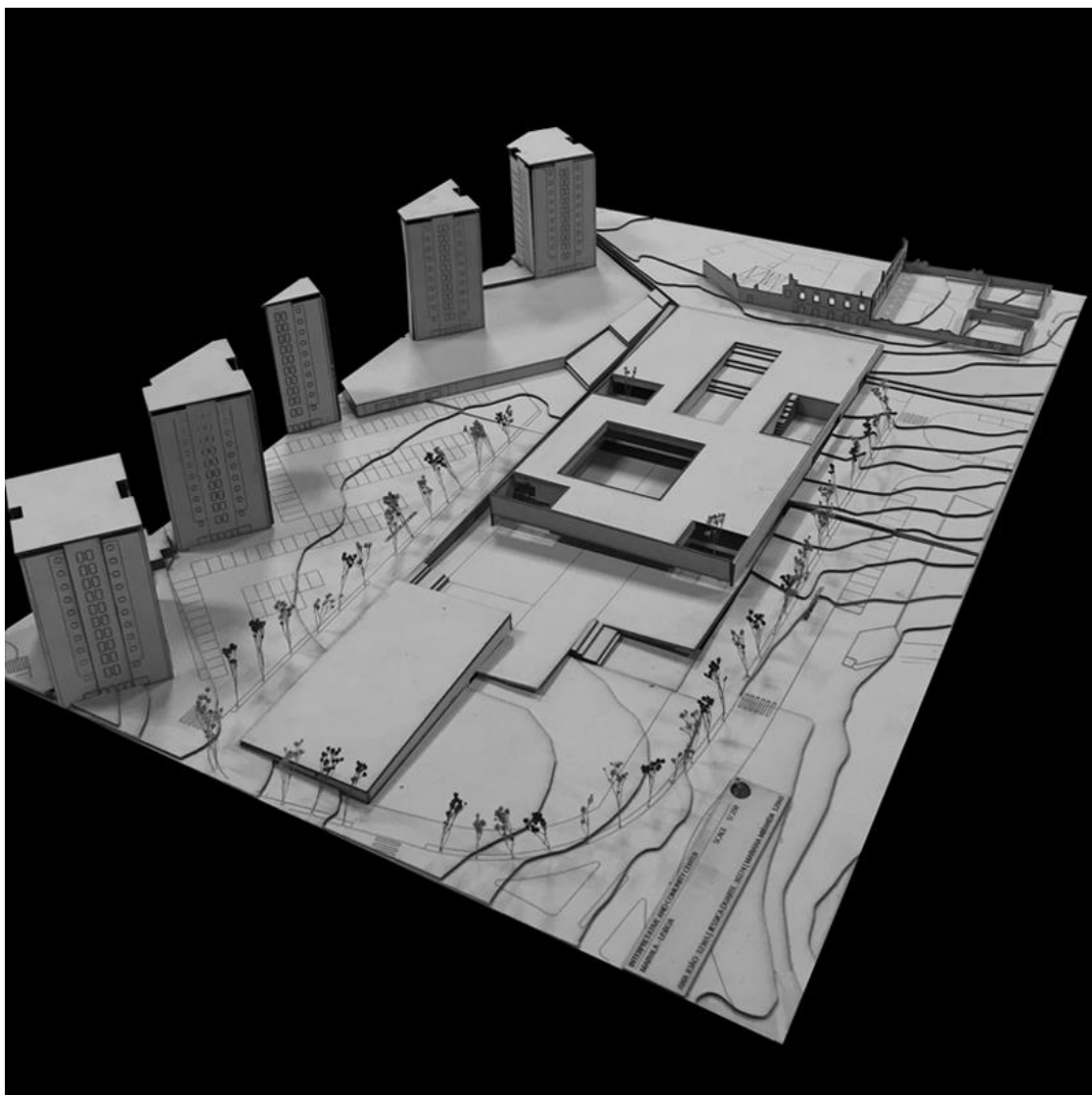


0.10. Mobiliário urbano com diversas apropriações: muro de contenção de terras, banco, guarda-corpos e abrigo à iluminação.
Fonte: Autora, Maio de 2019.

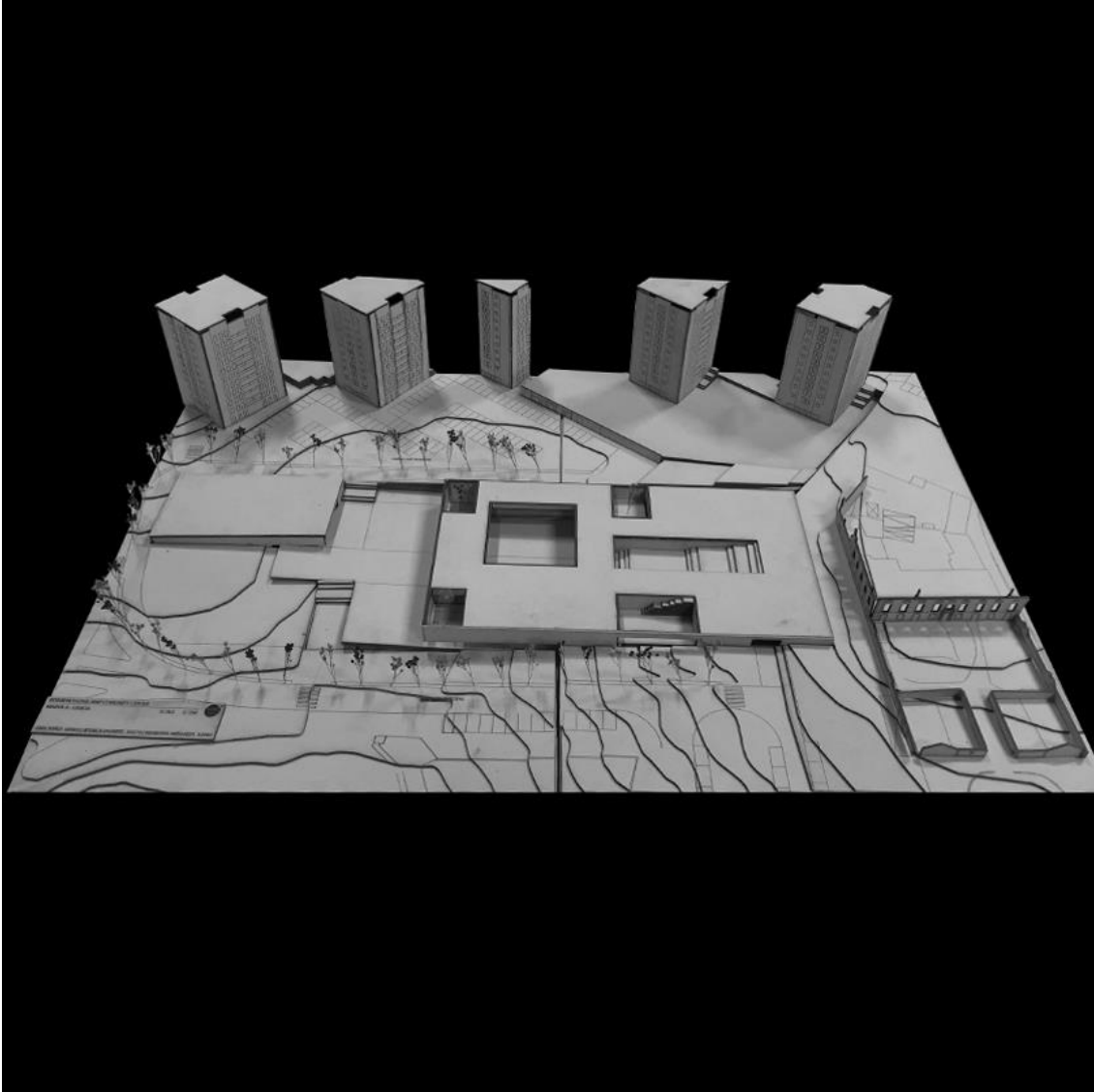
Anexo III. Maquetas



0.1. Primeira maqueta do conjunto da proposta.
Fonte: Autora, Ana João e Mariana Miranda, Dezembro de 2018.



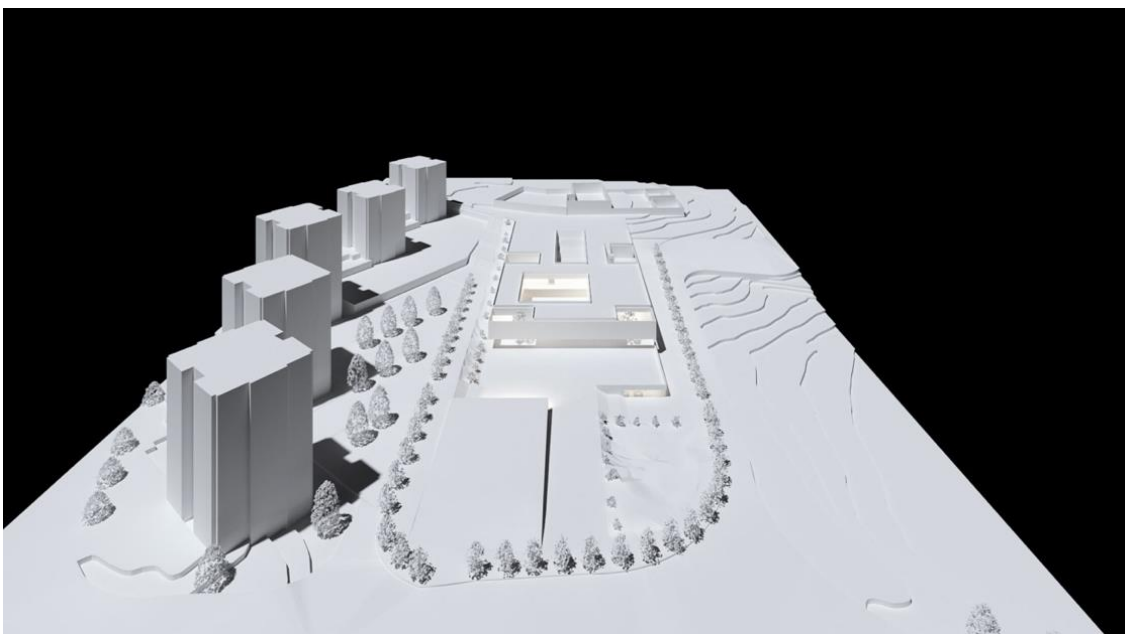
0.2. Maqueta final da proposta.
Fonte: Autora, Ana João Magalhães, Mariana Miranda, Janeiro de 2019.



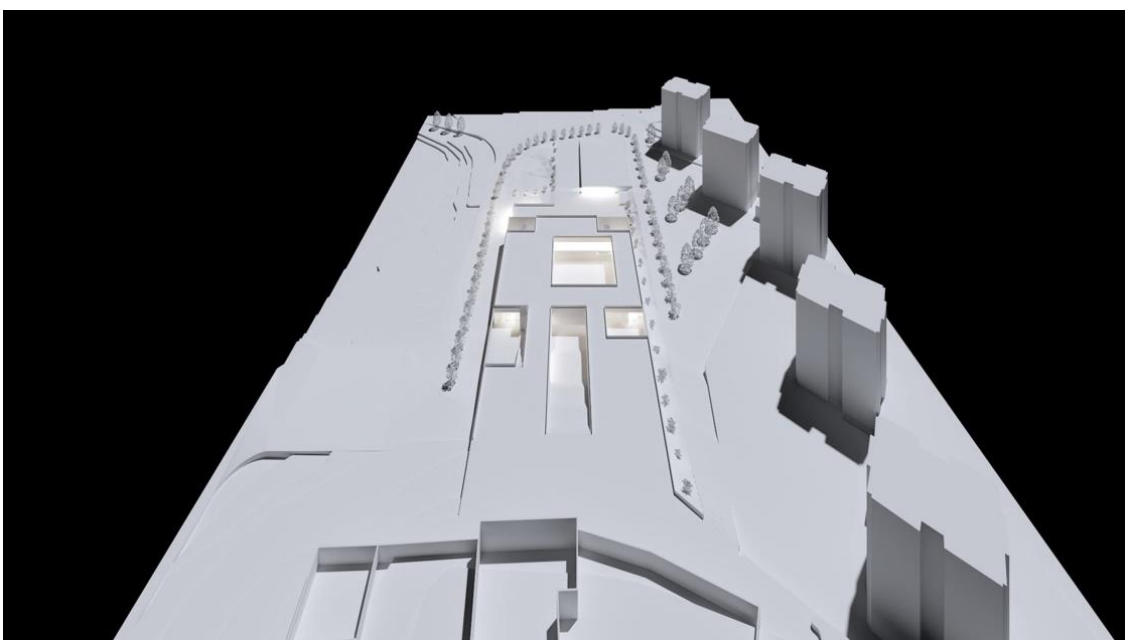
0.3. Maqueta final da proposta.

Fonte: Autora, Ana João Magalhães e Mariana Miranda, Janeiro de 2019.

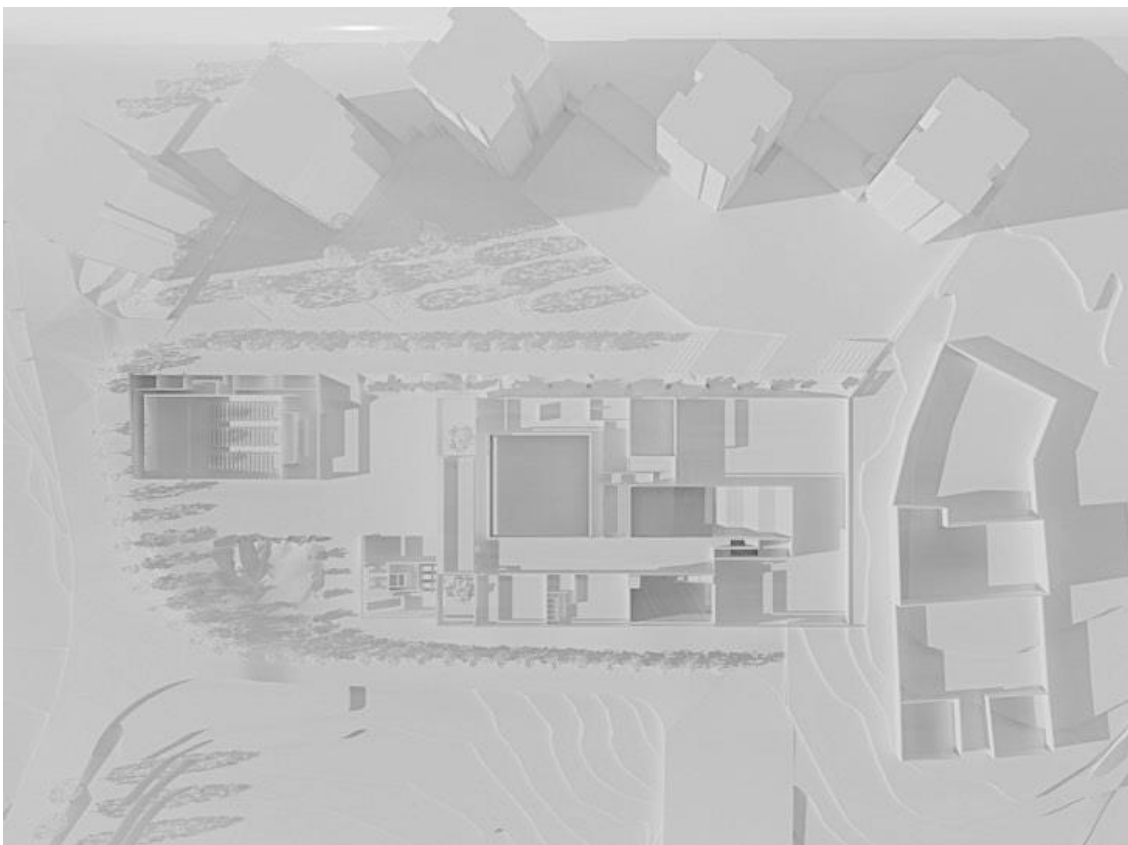
Anexo IV. Imagens virtuais



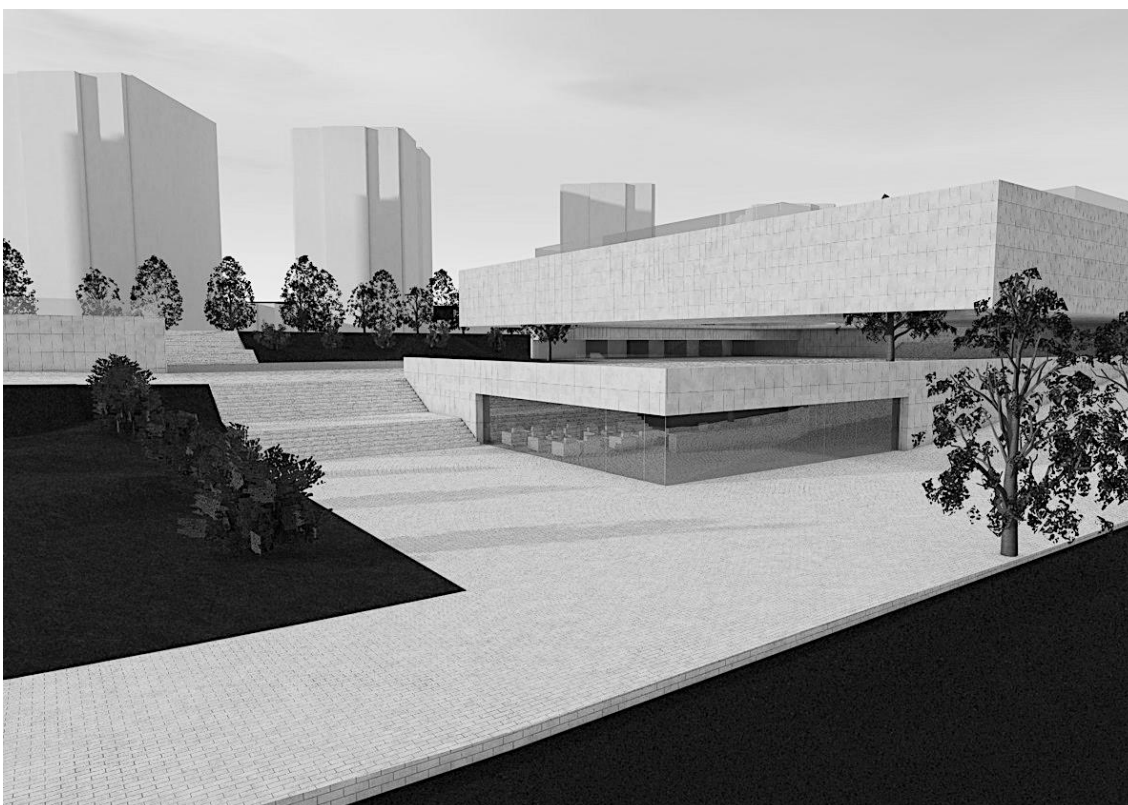
0.1. Vista a sudoeste da proposta.
Fonte: Autora, Janeiro de 2019.



0.2. Vista das ruínas do palácio.
Fonte: Autora, Janeiro de 2019.



0.3. Organização espacial da proposta e relação com a envolvente.
Fonte: Autora, Janeiro de 2019.



0.4. Estudo da relação do conjunto da proposta.
Fonte: Mariana Miranda, Janeiro de 2019.



0.5. Eixo de ligação do programa.
Fonte: Mariana Miranda, Janeiro de 2019.

Anexo V. Peças desenhadas

DESENHOS GERAIS

PROJECTO DE EXECUÇÃO

DESENHOS CONSTRUTIVOS

DESENHOS PARCIAIS

Tabela II. Índice de peças desenhadas da Proposta.
Fonte: Autora, Maio de 2019.

DESENHOS	Nº DA FOLHA	DESCRIÇÃO	ESCALA
GERAIS	01	Planta de Localização	10000
	02	Planta de Enquadramento	1:1000
	03	Planta de Implantação	1:200
	04	Planta à cota 47.30 - Auditório Livraria	1:200
	05	Planta à cota 50.00 - Auditório Praça Galerias Expositivas	1:200
	06	Planta à cota 55.50 - Centro Estacionamento	1:200
	07	Alçados	1:200
	08	Cortes Longitudinais	1:200
	09	Corte Longitudinal 5 e Transversais 1 e 2	1:200
	10	Axonometria Minhoca	1:200
PROJECTO DE EXECUÇÃO			
DESENHOS CONSTRUTIVOS	11	Planta à cota 47.30 - Livraria	1:50
	12	Planta à cota 50.00 - Auditório e Galerias Expositivas	1:50
	13	Planta à cota 55.50 - Centro Parte I	1:50 1:50
	14	Planta à cota 55.50 - Centro Parte II	1:50 1:50
	15	Planta à cota 55.50 - Centro Parte III	1:50
	16	Corte Longitudinal 3 - Parte I Auditório - Parte II Centro	1:50
	17	Corte Transversal 1 e 2	1:50
	18	Corte Construtivo Longitudinal 3	1:20
	19	Corte Construtivo Transversal 1	1:20
	20	Pormenor 1 - Porta Interior	1:20/ 1:1
21	Pormenor 2 - Guarda em vidro	1:2	
DESENHOS PARCIAIS			
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	22	I.S. Masculinas	1:20
	23	I.S. Feminina	1:20

24	I.S. Mobilidade Condicionada	1:20
25	Mapa de Acabamentos	S/ E

Tabela III. Quadro de áreas da proposta.
Fonte: Autora, Junho de 2019.

ÁREA DO LOTE	14271.97m ²
ÁREA BRUTA DO CENTRO	1943.20m ²
1. LIVRARIA	
Entrada	30.85m ²
Espaço de leitura	87.00m ²
Expositores	83.70m ²
Armazém de Stock	18.30m ²
Instalação Sanitária de Serviço	6.13m ²
2. GALERIAS EXPOSITIVAS	
Galerias	280.20m ²
3. AUDITÓRIO	
Foyer	118.73m ²
Sala de Projecção	26.25m ²
Bengaleiro	14.74m ²
Bancadas	486.40m ²
Palco	206.90m ²
Circulação	92.00m ²
Camarim 1	17.00m ²
Camarim 2	17.00m ²
Acessos	17.20m ²
Instalação Sanitária Feminina	28.50m ²
Instalação Sanitária Mobilidade Condicionada	8.00m ²
Instalação Sanitária Masculina	28.00m ²
4. CENTRO COMUNITÁRIO E INTERPRETATIVO DE MARVILA	
Entrada	159.21m ²
Acessos 1	84.00m ²
Bar	143.00m ²
Balcão	17.50m ²

Acessos 2	9.24m ²
Cozinha	25.00m ²
Balneário Feminino	8.30m ²
Balneário Masculino	8.30m ²
Espaço Expositivo	281.20m ²
Sala de Workshop 1	190.40m ²
Sala de Workshop 2	111.30m ²
Sala de Aula	113.80m ²
Circulação 1	64.50m ²
Espaço de Leitura	118.30m ²
Espaço de Informática	92.90m ²
Gabinetes do Animador Cultural/ Voluntários	43.00m ²
Gabinete do Sociólogo	32.00m ²
Gabinete do Psicólogo	32.00m ²
Sala de Reuniões	21.00m ²
Gabinete do Director	26.00m ²
Instalação Sanitária do Director	4.65m ²
Circulação 2	77.60m ²
Circulação 3	54.00m ²
Instalação Sanitária Feminina	15.15m ²
Instalação Sanitária Mobilidade Condicionada	6.90m ²
Instalação Sanitária Masculina	13.23m ²
Estacionamento	1439.014m ²